



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

MARCOS CÉSAR TRICHES

**MEDIAÇÃO ORAL DA INFORMAÇÃO E ORALIDADE MEDIATIZADA EM  
*PODCASTS***

---

LONDRINA  
2023

MARCOS CÉSAR TRICHES

**MEDIAÇÃO ORAL DA INFORMAÇÃO E ORALIDADE MEDIATIZADA EM  
*PODCASTS***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Orientador: Prof. Dr. João Arlindo dos Santos Neto  
Coorientadora: Profa. Dra. Sueli Bortolin

**LONDRINA**

**2023**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

823 TRICHES, MARCOS CÉSAR.  
MEDIÇÃO ORAL DA INFORMAÇÃO E ORALIDADE MEDIATIZADA EM  
PODCASTS / MARCOS CÉSAR TRICHES. - Londrina, 2023.  
94 f. : il.

Orientador: JOÃO ARLINDO DOS SANTOS NETO.  
Coorientador: SUELI BORTOLIN.  
Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual de  
Londrina, Centro de Educação Comunicação e Artes, Programa de  
Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2023.  
Inclui bibliografia.

1. Mediação da informação - Tese. 2. Ciência da informação - Tese. 3.  
Oralidade mediatizada - Tese. 4. Podcast - Tese. I. SANTOS NETO, JOÃO  
ARLINDO DOS. II. BORTOLIN, SUELI. III. Universidade Estadual de Londrina.  
Centro de Educação Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em  
Ciência da Informação. IV. Título.

CDU 02

MARCOS CÉSAR TRICHES

**MEDIAÇÃO ORAL DA INFORMAÇÃO E ORALIDADE MEDIATIZADA EM  
PODCASTS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. João Arlindo dos Santos Neto  
(orientador)  
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

---

Profa. Dra. Sueli Bortolin  
(coorientadora)  
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

---

Profa. Dra. Adriana Rosecler Alcará  
(membro interno)  
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

---

Profa. Dra. Guilhermina de Melo Terra -  
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)  
(membro externo)

Londrina, 21 de julho de 2023.

“A palavra oral não dá rascunho”  
Manoel de Barros

TRICHES, M. C. **Mediação oral da informação e oralidade mediatizada em podcasts**. 94f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina-PR, 2023.

## RESUMO

A mediação oral da informação em *podcasts* na Ciência da Informação evidencia o retorno à voz proporcionado por meio das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação e sua profusão em ambientes digitais. A aliança da oralidade com a tecnologia proporciona entretenimento, educação, informação, preservação da história e memória, entre outros. Ressalta que a oralidade se manifesta como grande forma de expressão entre os indivíduos, pois mesmos os iletrados conseguem se expressar e serem entendidos, seja por meio da voz viva ou da voz mediatizada. Tem-se por objetivo investigar como ocorre a mediação oral da informação em ambientes digitais com foco na incidência de podcasts na Ciência da Informação. Quanto aos procedimentos, a pesquisa é do tipo exploratória-descritiva, de abordagem qualitativa e adota como método o estudo de caso. Para seleção do corpus foram pesquisados nas três principais plataformas de streaming de áudio - *Spotify*, *Podcast Addict* e *Google Podcasts* - programas de *podcasts* que tivesse alguma relação com Escolas de Ciência da Informação ou seja, programas que tenham explicitado em suas descrições que a produção é de responsabilidade de algum professor ou estudante vinculado a cursos da área de Ciência da Informação. As buscas foram realizadas pelos termos “Ciência da Informação”, “Biblioteconomia”, “Arquivologia” e “Museologia”. No *Spotify* foi recuperado o maior número de programas relacionados à Ciência da Informação, um total de 50 programas, sendo 24 de iniciativas vinculadas a departamentos, programas de pós-graduação ou projetos de extensão de universidades e 26 de iniciativa de estudantes, sem o apoio direto da universidade. No *Podcast Addict*, foram recuperados 11 programas, sendo seis de iniciativa de universidades e cinco de estudantes. No *Google Podcasts* foram recuperados 24 programas, sendo 14 de iniciativa de universidades e 10 de estudantes. Dos resultados, muitos programas não lançam episódios novos há alguns meses, o que sugere uma descontinuidade dos *podcasts*. Dois *podcasts*, *Museológicas Podcast* e *Prancheta Fabicana*, foram analisados com base nas dimensões da mediação da informação, e os dois contemplaram todas as dimensões - dialógica, estética, formativa, ética e política. Conclui que o *podcast* pode ser considerado como recurso de mediação oral da informação em suas múltiplas potencialidades, seja mediando informação científica, política, social ou popular, visto que a oralidade mediatizada possui todos os aspectos da oralidade convencional, e vai além, uma vez que o alcance da informação por meio da tecnologia cria um distanciamento entre o momento da produção e do efetivo consumo, possibilitando maior mobilidade temporal e espacial.

**Palavras-chave:** Mediação oral da informação. *Podcast*. Oralidade. Oralidade mediatizada.

TRICHES, M. C. **Oral Mediation of Information and Mediatized Orality in Podcasts**. 94f. Dissertation. (Master in Information Science) – State University of Londrina, Londrina-PR, 2023.

## ABSTRACT

This study discusses the oral mediation of information in digital environments, focusing on the production and consumption of *podcasts* in Information Science. It highlights the return to voice provided through Digital Information and Communication Technologies and its profusion in digital environments. The alliance of orality with technology provides entertainment, education, information, preservation of history and memory, among others. It is noteworthy that orality manifests itself as a great form of expression among individuals, as the same illiterate people can express themselves and be understood, either through the living voice or the mediated voice. The objective is to investigate how the oral mediation of information occurs in digital environments with a focus on the incidence of *podcasts* in Information Science. As for the procedures, the research is exploratory-descriptive, with a qualitative approach and adopts case study as a method. For corpus selection, the three main audio streaming platforms were searched - *Spotify*, *Podcast Addict* and *Google Podcasts* - for *podcast* programs related to a professor or student linked to courses in the area of Information Science. The searches were carried out by the terms "Information Science", "Library Science", "Archivology" and "Museology". *Spotify* retrieved the largest number of programs related to Information Science, a total of 50 programs, 24 of which were initiatives linked to departments, graduate programs or university extension projects and 26 were student initiatives, but without direct support from the university. In *Podcast Addict*, 11 programs were retrieved, six of which were university initiatives and five were student initiatives. In *Google Podcasts*, 24 programs were retrieved, 14 from universities and 10 from students. From the results, many programs have not released new episodes for a few months, which suggests a discontinuity of programs. Two *podcasts*, *Museológicas Podcast* and *Prancheta Fabricana*, were selected to be analyzed based on the 5 dimensions of information mediation, and both contemplated all dimensions - dialogic, aesthetic, formative, ethical and political. It concludes that the *podcast* can be considered as a resource for the oral mediation of information in its multiple potentialities, whether mediating scientific, political, social or popular information, since mediated orality has all aspects of conventional orality, and goes beyond, since it the reach of information through technology creates a distance between production and consumption, allowing greater temporal and spatial mobility.

**Keywords:** Oral mediation of information. *Podcast*. Orality. Mediatized orality.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Número de <i>podcasts</i> recuperados na plataforma <i>Spotify</i> .....	544
Tabela 2 - Número de <i>podcasts</i> recuperados na plataforma <i>Podcast Addict</i> ..	555
Tabela 3 - Número de <i>podcasts</i> recuperados na plataforma <i>Google Podcasts</i> .....	577
Tabela 4 - Número de <i>podcasts</i> produzidos por iniciativas de universidades	577
Tabela 5 - Número de <i>podcasts</i> produzidos por iniciativas de estudantes .....	58

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Imagem de divulgação do Programa "Prancheta Fabicana" .....	611
Figura 2 - Principal atributo do <i>podcast</i> Prancheta Fabicana em cada dimensão da mediação da informação .....	644
Figura 3 - Imagem de divulgação do Programa "Museológicas <i>podcast</i> " .....	655
Figura 4 - Principal atributo do <i>podcast</i> em cada dimensão da mediação da informação .....	677

# SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
1.1	Problemática e problema de pesquisa.....	11
1.2	Justificativa .....	12
1.3	Objetivos.....	15
1.4	Estrutura da dissertação .....	15
<b>2</b>	<b>ORALIDADE E ORALISFERA.....</b>	<b>17</b>
<b>3</b>	<b>MEDIAÇÕES: ALGUMAS TIPOLOGIAS E EXTENSÕES CONCEITUAIS ...</b>	<b>29</b>
3.1	Mediação custodial e pós-custodial .....	31
3.2	Mediação da informação.....	33
3.3	Mediação oral e mediação oral da informação .....	39
<b>4</b>	<b>O <i>PODCAST</i>: DE RECURSO INFORMACIONAL À INSTÂNCIA MEDIADORA ORAL DA INFORMAÇÃO.....</b>	<b>42</b>
<b>5</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>49</b>
<b>6</b>	<b>RESULTADOS: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO .....</b>	<b>52</b>
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>68</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>71</b>
	<b>APÊNDICE .....</b>	<b>80</b>
	<b>APÊNDICE A – <i>PODCASTS</i> COMPILADOS EM ORDEM ALFABÉTICA ....</b>	<b>81</b>

# 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa discute a mediação oral da informação em ambientes digitais, com foco na incidência de *podcasts* na Ciência da Informação (CI). Evidencia o retorno à voz proporcionado por meio das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação e sua profusão em ambientes digitais. Desse modo, aprofunda a discussão sobre o conceito de mediação oral da informação, apresenta o panorama da área quanto aos *podcasts* enquanto instância mediadora e mapeia as iniciativas de *podcasts* na CI no Brasil, considerando os cursos de Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia.

A constante evolução das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC), especialmente nas últimas duas décadas, gerou muitas ferramentas e plataformas em ambientes digitais, auxiliando a interação entre humanos e a de humanos com as máquinas. Essas interações têm seu primeiro momento na *Web 1.0*, elas eram caracterizadas por serem mais estáticas, deixando pouca margem de participação e, dessa forma, limitando as interações dos usuários na rede. O segundo momento, a geração da *Web 2.0*, proporcionou uma revolução na forma pela qual o usuário interage na rede de computadores. Não há mais o predomínio da publicação textual e sim em comunicações multisensitivas<sup>1</sup> (Maness, 2006).

Exemplos de ferramentas e plataformas desenvolvidas na *web* são as redes sociais, *wikis*, *blogs*, *tagging*, *RSS feeds*, mensagens síncronas, *streamings* e *mashups*<sup>2</sup>. Decorrente da combinação de algumas das ferramentas mencionadas surge o *podcast* em 2004. Mesmo tendo surgido há quase 20 anos, pode-se afirmar que tanto seu consumo quanto seu uso como objeto de pesquisa foram tardios no Brasil. Mais adiante se discorre sobre os marcos temporais em relação ao consumo e estudo do *podcast* no Brasil e, principalmente, sobre as pesquisas empreendidas na CI sobre o assunto.

---

<sup>1</sup> A comunicação multisensitiva pressupõe a combinação de mais de uma forma sensorial de recepção da informação, seja por meio da audição, da leitura, da fala ou de uma atividade tátil, formando assim uma experiência sinestésica (SCHUKRAFT, 2020).

<sup>2</sup> São aplicações híbridas, onde duas ou mais tecnologias são combinadas, e como resultado surge um serviço completamente novo.

Os *podcasts* são arquivos de áudio, gravados em formato digital que são disponibilizados por meio de plataformas de *streaming*. Atualmente o formato é distribuído majoritariamente por plataformas como *Spotify*, *Google Podcast*, *YouTube*, *Deezer* e *Apple Podcast* (Martins, 2021).

Antes da internet as mediações ocorriam majoritariamente nos espaços físicos, mas com advento dos ambientes digitais, esses se tornaram os espaços mais importantes para que as trocas ocorressem, dada sua facilidade e abrangência. Nesse contexto, o papel do profissional da informação é destacado, pois as suas escolhas interferem nas mediações, como por exemplo o uso de determinadas ferramentas de interatividade em detrimento de outras para mediar informação, por exemplo.

Assim, é perceptível que a partir de 2012 muitas bibliotecas criaram perfis e páginas em redes sociais digitais, como o *Facebook*, e desde meados de 2018 algumas bibliotecas, nacionais e internacionais, deram início aos seus próprios *podcasts*, processo que foi intensificado a partir de 2020 em virtude do surgimento do vírus SARS-CoV-2<sup>3</sup>. Dessa forma, os *podcasts* não podem ser considerados apenas arquivos de áudio, mas um veículo de informação que proporciona a discussão e desenvolvimento de novas ideias. Ainda que a presente pesquisa não tenha como foco os *podcasts* criados por bibliotecas, conforme comentado, vislumbra-se que esse movimento se deu em diversas ambiências: informacionais, educacionais, políticas etc.

Portanto, são relevantes as discussões sobre esse novo recurso que causou uma retomada na forma de se consumir informação e cultura por meio da oralidade. Não somente o *podcast*, mas outras manifestações de comunicação pela oralidade se tornaram muito recorrentes, como a transmissão de mensagens por meio de áudios por aplicativos de comunicação instantânea. Recurso este que está sendo utilizado por emissoras de comunicação quando transferem as gravações dos programas radiofônicos postando-os no YouTube, por exemplo. Por outro lado, os

---

<sup>3</sup> A Organização Mundial da Saúde (OMS) recebeu o alerta de diversos casos de pneumonia na cidade de Wuhan, na China, em 31 de dezembro de 2019. A partir desse alerta constatou-se que se tratava de uma nova cepa de coronavírus, que não havia sido identificada anteriormente em humanos. O coronavírus conhecido como SARS-CoV-2 é o responsável por causar a doença COVID-19. Em 11 de março de 2020 a OMS caracteriza a doença como pandemia. O histórico da doença pode ser acessado em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. (Organização Pan-Americana da Saúde, 2020).

fenômenos informacionais deflagrados via oralidade nem sempre constituíram foco de interesse dos estudos do campo informacional.

A CI sempre teve maior preocupação em lidar com as comunicações registradas de forma escrita, mas o que se apresenta neste momento é a retomada das comunicações orais em larga escala. Dessa forma, a proposta desta pesquisa é ampliar as discussões voltadas ao conceito de mediação oral da informação centrado na busca e apropriação da informação e do conhecimento por meio da oralidade, sobretudo, considerando o *podcast* como instância mediadora da informação.

## 1.1 Problemática e problema de pesquisa

A forma pela qual a informação é produzida e consumida mudou radicalmente ao longo das últimas décadas. Se antes havia predomínio da informação escrita registrada em papel, há alguns anos ocorre o predomínio da informação digital. O ambiente digital amplia as possibilidades de manejo dos suportes de informação para além do registro escrito, abrangendo as manifestações em suporte audiovisual. Essa situação faz surgir novas demandas pela sociedade, em especial no modo como se consome conteúdo e se informa, e por este motivo, as instituições que lidam com informação - especificamente arquivos, bibliotecas e museus - devem se adaptar para supri-las.<sup>4</sup>

Os esforços de instituições de informações em direção às novas tecnologias são mais relacionados com catálogos online, websites e outras atividades ainda tímidas. Dessa forma, as iniciativas que trabalham novos formatos e ferramentas devem ser estudadas e levadas em consideração.

Como relatam Paletta e Moreiro-González (2020), as mudanças estruturais que envolvem a produção e armazenamento da informação demanda novas competências dos profissionais da informação, que acabam sendo os

---

<sup>4</sup> De acordo com dados de 2022, para ilustrar o crescimento do uso da informação digital considera-se o aumento no número de websites ao longo do tempo, em 6 de agosto de 1991 surge o primeiro website, info.cern.ch, e atualmente há cerca de 2 bilhões de websites. Outro dado representativo é relacionado ao uso da ferramenta de busca do Google, que em 1998, quando iniciou suas operações, ela processava cerca de 10.000 consultas diariamente e hoje são mais de 8.5 bilhões de consultas diárias. São mais de 5.4 bilhões de usuários da internet atualmente, um aumento de 2 bilhões de usuários em relação ao ano de 2016 (Ahlgren, 2023).

protagonistas dessas mudanças, pois são os responsáveis em lidar com a mediação em ambientes cada vez mais marcados pelo uso de recursos digitais. É fundamental que esses profissionais sejam capazes de lidar com as ferramentas tecnológicas de informação para que possam atender seus usuários de forma satisfatória, de maneira que essas instituições continuem desempenhando um papel relevante na sociedade, buscando sempre democratizar o acesso à informação.

Novamente, evidencia-se que o foco da pesquisa não foram os *podcasts* produzidos por equipamentos informacionais. Busca-se identificar os *podcasts* produzidos por professores ou estudantes vinculados a escolas da área da CI. Assim, investiga-se o modo como os docentes e futuros profissionais da informação têm levado em consideração as novas mídias, como a produção de *podcasts* em atividades vinculadas formalmente ou não as universidades.

Dada a relação inexorável da CI com a tecnologia e a retomada da oralidade por meio das plataformas virtuais, é muito importante analisar como instituições e pessoas ligadas à CI têm lidado com a produção de serviços que pressupõem a ênfase na mediação oral, no caso, os *podcasts*. Dessa forma, é relevante analisar a produção dos *podcasts* ligados à CI, verificando as iniciativas das escolas relacionadas a CI que oferecem esse serviço. Assim, o problema de pesquisa desta dissertação é: Como a mediação oral da informação é realizada em ambientes digitais, com foco na incidência de *podcasts* na CI e quais são as iniciativas de estudantes e docentes brasileiros?

## 1.2 Justificativa

A pesquisa se justifica a partir das perspectivas social, científica e pessoal. Como esse é um fenômeno emergente, é necessário conhecê-lo melhor e aprofundar as discussões sobre *podcast*, uma vez que estão cada vez mais presentes na sociedade. A partir disso, a CI necessita se apropriar ainda mais dessas discussões, pois tem como interesse a “informação”, independente do suporte em que ela esteja.

O interesse do proponente da pesquisa pela área de mediação já é presente desde os primeiros contatos com a área de Biblioteconomia e se aprofundou ao longo da trajetória profissional, atuando em biblioteca pública e lidando

intensivamente com o público. A mediação oral é recorrente nesse tipo de biblioteca, uma vez que as interações se dão de forma majoritária por meio da oralidade, desde o atendimento a uma necessidade pontual de um usuário até uma intervenção artística, tão comum nesses espaços. E o interesse por *podcasts*, surgiu nos últimos anos dada a potência que essa ferramenta de comunicação alcançou, abarcando inclusive o universo das bibliotecas.

A presente dissertação se situa na linha de pesquisa Compartilhamento da Informação e do Conhecimento do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI/UEL), uma vez que o estudo desenvolvido trata da mediação oral da informação, cujo tema é discutido no escopo da referida linha. No âmbito do PPGCI/UEL a importância da área de Mediação também é destacada, visto que alguns docentes do programa desenvolvem estudos relacionados à área. Também é relevante a contribuição dos docentes e discentes que pesquisam sobre mediação em grupos de pesquisa, como o grupo “Interfaces: Informação e Conhecimento”<sup>5</sup>. Este Grupo é conhecido nacionalmente por ser o marco dos estudos teóricos no campo da mediação da informação e pela proposição da primeira definição no campo da CI.

Sob o ponto de vista da justificativa científica, por ser um tema recente<sup>6</sup> na CI, poucos são os trabalhos que discutem a relação da tecnologia com a oralidade, como o trabalho produzido por Arantes (2015), que aponta a necessidade de utilizar as alternativas tecnológicas que surgem, para a mediação da informação. Há também o trabalho de Santos (2019), que aborda a produção e contextos de uso dos *podcasts* em bibliotecas universitárias. Assim como os trabalhos de Bortolin e Santos Neto (2020), que abordam a mediação da informação por meio da oralidade em ambientes digitais. Outra investigação relacionada à mediação oral em *podcast* da CI, é de Santos Neto, Heitzmann e Bortolin (2020), um estudo de caso sobre o *podcast* Cimplifica, o primeiro *podcast* em CI no Brasil. Há também a pesquisa publicada por Triches, Santos Neto e Bortolin (2022) que busca a produção relacionada aos

---

<sup>5</sup> Grupo de pesquisa criado em 1998, credenciado no Diretório de Grupo de Pesquisas do CNPq e Certificado pela Universidade Estadual de Londrina, onde suas atividades são desenvolvidas. Investiga aspectos profissionais e éticos relacionados a mediação da informação e literatura, busca e apropriação da informação e do conhecimento, comunicação científica, métricas de avaliação de produção científica, redes sociais de conhecimento e memória organizacional. Disponível em: <https://interfaces-informacao-e-conhecimento.webnode.page/>. Acesso em: 22 ago. 2022.

<sup>6</sup> Inclusive, o primeiro *podcast* da área de CI foi o Cimplifica, que surgiu em março de 2019 (FEITOSA; MIRANDA, 2021.)

*podcasts* na CI e aponta o baixo número de publicações em bases de dados sobre o tema em português. Esta última publicação compreende a pesquisa de mestrado aqui apresentada e alguns dos resultados nela obtidos serão aqui retomados.

No desenvolvimento desta dissertação foram realizadas buscas em oito bases de dados<sup>7</sup> e o resultado foi de apenas oito resultados com os seguintes termos de busca “Ciência da informação”, “Biblioteconomia”, “Arquivologia” e “Museologia. Dada a produção científica sobre o tema ser recente e incipiente no Brasil, estudos complementares são importantes para que se aprofunde a discussão sobre esse assunto.

A importância dos estudos na área de mediação oral e oralidade é destacada por Arantes *et al.* (2013), para os autores a oralidade deve ser encarada com mais atenção, por ser uma forma ágil de disseminação de informação, assim como por haver uma retomada da cultura oral pela nossa sociedade, dado o uso intensivo de dispositivos e tecnologias que favorecem a comunicação oral (celulares, plataformas de *streaming* etc.).

O estudo da mediação na CI é fundamental para que sua discussão vá além de questões relacionadas à informação, mas favoreça estudos de temas como comunicação, cognição, cultura, competência, gestão da informação, entre outros (Silva; Nunes; Cavalcante, 2018). Almeida Júnior (2009), do ponto de vista epistemológico, defende a mediação como o objeto de estudo da CI, dada sua função e protagonismo na área. Mais recentemente, destaca-se a proposta de Gomes (2020) que defende a mediação como fundamento da área.

Do ponto de vista social, a pesquisa contribui para destacar a função democratizadora dos *podcasts*. Isso decorre, pois, o consumo e produção dos *podcasts* tem se tornado acessível a um maior número de pessoas ao longo do tempo, uma vez que o custo das tecnologias tende a cair de acordo com a evolução das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC). Além do acesso relacionado ao caráter econômico, o *podcast* torna-se acessível dado sua facilidade no manejo, especialmente por pessoas que apresentam limitações no uso de aparatos

---

<sup>7</sup> A pesquisa consistiu em buscar artigos científicos em português que continham o termo “podcast” em seus títulos nas seguintes bases de dados: Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci), Google Acadêmico, Scopus, Web of Science, Repositórios Científicos de Acesso Aberto de Portugal (RCAAP), Library, Information Science & Technology Abstracts (LISTA), Academic Search Premier e Scielo.

de tecnologia, como as provocadas por deficiências como as decorrentes de diferenças intergeracionais.

### 1.3 Objetivos

O **objetivo geral** consiste em investigar como ocorre a mediação oral da informação em ambientes digitais com foco na incidência de *podcasts* na CI.

Para alcançar o objetivo geral, foram estabelecidos seguintes **objetivos específicos**:

- a) Discutir alguns aspectos teóricos relacionados ao fenômeno *podcast* ao longo das últimas décadas, no cenário nacional e internacional;
- b) Identificar os *podcasts* na área de CI e sua vinculação à cursos e escolas do campo;
- c) Analisar os *podcasts* como instância mediadora oral da informação a partir das dimensões da mediação da informação.

### 1.4 Estrutura da dissertação

Nesta primeira seção apresenta-se a introdução desta dissertação, evidenciando o contexto na qual se insere, assim como os fenômenos, problemática e problema de pesquisa e justificativa, objetivo geral e os específicos, e a estrutura deste trabalho.

Na segunda seção, caracteriza-se a oralidade e a oralisfera, abordando a retomada da oralidade, fontes orais, aspectos físicos e sociais inerentes da oralidade, ambientes de mediação oral, tanto física como virtual, ferramentas e equipamentos que favorecem as mediações em ambientes virtuais.

Realiza-se na terceira seção uma discussão sobre: conceitos e contextualização das mediações, mediação custodial e pós-custodial, mediação da informação, mediação oral e mediação oral da informação.

Na quarta seção, discute-se o *podcast* como um recurso informacional, apresentando sua origem, seu potencial como ferramenta da *web* e dados sobre a população se usa esse recurso.

Apresentam-se na quinta seção os procedimentos teórico-metodológicos que conduziram a execução da pesquisa. Deste modo, indica-se a natureza e tipologia da pesquisa; a abordagem do problema; os métodos da pesquisa; o corpus da pesquisa; os procedimentos técnicos de coleta de dados; os procedimentos de análise; as técnicas de análise de dados; e a forma de apresentação dos dados coletados.

Na sexta seção são apresentados os resultados da pesquisa por meio da exposição dos dados compilados em tabelas fornecendo os nomes dos programas, data dos episódios iniciais e finais e quantidade de episódios. E a análise de como ocorre a mediação oral da informação em dois programas levando em consideração as dimensões da mediação da informação propostas por Gomes (2014, 2020).

A última seção, isto é a sétima, apresenta as considerações finais do trabalho. Na sequência são indicadas as referências e o apêndice.

## 2 ORALIDADE E ORALISFERA

A popularização das denominadas “fontes orais” deve-se a uma tendência no modo como as pessoas consomem informação, se comunicam e buscam conhecimento. As plataformas que oferecem a possibilidade de comunicação através da voz têm extrapolado o caráter funcional primário de instância da comunicação e de entretenimento, e alcançaram uma dimensão educacional, sobretudo durante a pandemia Covid-19. Assim, identifica-se que canais do YouTube e programas de *podcast* foram criados também para informar e educar sobre alguma temática específica, bem como para popularizar a informação em ciência e tecnologia.

Para além da função informativa das fontes orais, Terciotti e Bortolin (2017, p. 97) afirmam que “os textos orais possuem a característica de transpor o tempo e espaços”, pois as mídias “contribuem para a reconstituição da história, com a preservação e conservação de documentos e as obras monumentais, que são as fontes do conhecimento”. Havelock (1997), em seu estudo sobre a herança oral dos povos, corrobora a ideia que mesmo em sociedades que desenvolveram a cultura escrita, ela era restrita a uma parcela muito pequena da população, geralmente elites sociais. Dessa forma, a expressão oral nas sociedades era a forma predominante de comunicação.

Os trabalhos que retratam uma mudança de paradigma nos estudos sobre a oralidade são os de Milman Parry a partir da década de 1920 (Ong, 1998). Em seus trabalhos descobre-se que a obra de Homero é fundada sobre uma tradição oral grega que independe da escrita, e é definida como oralidade primária, que contrasta com a oralidade secundária, que apresenta resíduos da escrita, tanto na forma de se elaborar frases ou até mesmo na imagem mental da palavra grafada.

Em seu estudo, Havelock (1997) destaca que na década de 1960 surgiram trabalhos que buscavam investigar culturas orais e escritas. O autor encontra quatro publicações que contribuíram para esse novo campo de pesquisas, destacando a oralidade. Entre os anos de 1962 e 1963 foram publicados os trabalhos: “A galáxia de Gutemberg”, de Marshall McLuhan, no Canadá, “O pensamento selvagem” de Pierre Lévi-Strauss, na França, “As consequências do letramento” de Jack Goody e Ian Watt, na Inglaterra, e “Prefácio a Platão” de Eric Havelock, nos Estados Unidos.

As transformações dos meios de comunicação naquela época era um dos motivos pelos quais a oralidade e a escrita tivessem papel de destaque em estudos.

Ong (1998) corrobora os autores, no que concerne ao fato das pesquisas nas décadas de 1960 e 1970 buscarem as relações entre culturas orais e escritas. Estudos eram realizados em várias áreas do conhecimento, e enfatizavam o caráter oral da linguagem. Para se estudar o que foi considerado como oralidade primária, muitos pesquisadores buscaram analisar sociedades que mantinham estruturas culturais calcadas na oralidade, ainda mesmo no século XX, e isso era representado por meio de exibições, danças, melodia, cantos, epopeias.

Cook-Gumperz e Gumperz (1981) destacam que há três grandes momentos na história quando se relaciona escrita e oralidade. No primeiro momento, apenas um pequeno grupo de pessoas privilegiadas tinham acesso a alfabetização. O acesso a esses materiais era caro e de difícil obtenção. Outro ponto importante é a diferença entre o que era falado e escrito, por exemplo, na Europa, que até o final do século XV, o idioma predominante na escrita era o latim, diferentemente do que era falado naquela região. Dessa forma, havia uma grande distância entre a oralidade e escrita.

No segundo momento, a oralidade e a escrita se aproximaram, pois as narrativas orais passaram a ser divulgadas pela escrita, tornando, assim, a escrita um registro da oralidade. Na história, esse momento é a época da industrialização e concentração urbana, que propiciou a emergência de uma nova cultura urbana. Desde a reforma protestante, com o acesso ampliado à bíblia, a distância entre a oralidade e a escrita vai desaparecendo. Nesse momento a literatura surge como forma de entretenimento às massas.

No terceiro momento, ocorre outro afastamento entre escrita e oralidade. Nessa fase, a sociedade exige novas formas de comunicação, predominantemente escritas. Essa fase é muito caracterizada pela formação escolar, onde esse letramento é difundido e um espaço fundamental para a sobrevivência econômica e socialização.

Para Ong (1998), há duas situações da oralidade nas sociedades, e podem ser divididas em “oralidade primária” e “oralidade secundária”. No primeiro caso, a oralidade presente é caracterizada por estar em uma sociedade que não possui conhecimento da escrita ou mesmo qualquer nível de letramento. Nesse

momento, considera-se como artifícios dessa oralidade o som puro, sem a representação gráfica, a ação da voz e seu poder (relacionada à impossibilidade de parar a voz no tempo), importância de fórmulas mnemônicas, presença exaustiva de conjunções aditivas, entre outras.

Por outro lado, na “oralidade secundária” a sociedade é caracterizada pela presença concomitante da escrita, uma vez que a escrita é presente na elaboração de frases ou mesmo a imagem mental da palavra grafada no momento da fala. Para Ong (1998), a tecnologia, que é a escrita em si, proporciona a preservação da palavra para futuras gerações, transformando a palavra natural para a palavra artificial, e conseqüentemente, propicia que a consciência humana possa trabalhar em ações mais reflexivas. A “oralidade secundária” é marcada pela cultura de alta tecnologia e sustentada por meios eletrônicos (telefone, rádio, televisão etc.). Esses meios necessitam da escrita e da imprensa. Para o autor não existe cultura de oralidade primária no sentido estrito atualmente.

Nesse sentido, Bortolin (2010, p. 43) reforça o pensamento de Ong, uma vez que destaca os momentos da oralidade em *oralidade ancestral* e *nova oralidade*, o primeiro consiste em “expressar ideias e sentimentos com voz viva” e tem como limitação o alcance acústico, o segundo momento, por sua vez, pressupõe o uso de uma tecnologia para a transmissão oral. As duas oralidades coexistem atualmente na sociedade e ambas são importantes fenômenos de estudos.

Segundo Darnton (1995), oralidade secundária possui três momentos históricos. O primeiro remonta a invenção da escrita, em uma cultura quirográfica. Apenas uma pequena parcela da população era letrada, e a figura do orador ainda era muito presente para fornecer às pessoas o conteúdo dos textos.

O segundo momento é quando há o aparecimento da imprensa, propiciando um aumento do número de leitores e escritores. Devido ao desenvolvimento acentuado de uma cultura tipográfica, a oralidade primária entrou em declínio.

Com a proliferação do uso de computadores, a palavra acabou sendo renderizada, e isso caracteriza o terceiro momento. Ong (1998) afirma que é necessário convencer os leitores que a escrita em si é uma tecnologia, pois está intrínseca à vida moderna.

Para Zumthor (2010), a oralidade é dividida em quatro tipos: 1) oralidade pura ou primária, nesse tipo, praticamente, inexistente o contato com a escrita; 2) oralidade mista, a influência da escrita é remota ou fraca; 3) oralidade secundária, nesse momento é marcada pela influência da escrita; e 4) oralidade mecanicamente mediatizada, caracterizada pelas reproduções nos meios de comunicação.

Apesar dessa categorização, Zumthor (2010) considera esse conceito como redutor, restringindo a oralidade à expressão oral, pois não é uma forma que capta a vivacidade da manifestação poética que vem da voz. A voz possui materialidade e concretização, por meio de características como registro e altura, tom, timbre, espessura concreta. Segundo o autor, “Vocalidade é a historicidade de uma voz: seu uso” (Zumthor, 2010, p. 21) e cita o fato de que alguns sons produzidos pela voz podem ser desprovidos de linguagem, como o riso ou o murmúrio e expressam sentimentos intensos.

A voz para Zumthor (2010) ultrapassa a articulação oral da língua, ela possui historicidade, ela extrapola o sentido linguístico de comunicação por meio da fala. A voz faz parte de um contexto maior, seu estudo está relacionado à história do homem, desde as origens vocais da poesia nos cantos, passando por narrativas míticas e fórmulas mágicas.

Outro autor que discute essa questão é Gumbrecht, ele aborda o conceito da produção de presença, que consiste na ideia da presença física da linguagem, como a corporificação de algo, aquilo que nos toca fisicamente e sentimentalmente. Alguns eventos e processos intensificam o “[...] impacto dos objetos presentes sobre corpos humanos” (Gumbrecht, 2010, p. 13). Para o autor, a oralidade é produtora de presença no sentido que a presentificação se dá por meio de sensações geradas e sentidas pelas nossas faculdades cognitivas, emocionais ou físicas. Dessa forma, a linguagem falada aciona não apenas o senso acústico, mas afeta os corpos em sua totalidade, carregando um ritmo que coordena “[...] os movimentos de corpos individuais; pode dar apoio à performance da nossa memória (pense naquelas rimas pelas quais nós aprendemos algumas regras básicas de gramática latina); e, ao supostamente reduzir o nível de nossa vigilância, ela pode ter (como Nietzsche afirmou) um efeito ‘intoxicante’” (Gumbrecht, 2009, p. 14).

Considerando o aspecto físico da linguagem falada, Gumbrecht (2009, p. 13) considera que a fala e seu ritmo proporcionam sensações e emoções

dado seu potencial de chegar até por meio do “[...] leve toque do som em nossa pele [...]” e pela presença da voz torna-se “[...] expressivas, compreensíveis e acessíveis as experiências sociais distanciadas no tempo, espaço e na cultura”.

As expressões orais estão sujeitas ao movimento, considerando os deslocamentos e transformações inerentes à tradição oral. Para esse fenômeno Zumthor (2010) oferece o conceito de movência, que reflete esse dinamismo. Somente formas míticas muito ritualizadas que fogem dessa dinâmica, pois são mais estáveis. A movência pressupõe a performance do contador, que também envolve todos os elementos presentes no ato de narrar. Dessa forma, a memória que é transmitida é resultado dos deslocamentos e transformações. Não existe na tradição oral o texto autêntico, original, primeiro (Zumthor, 2010). A história quando transmitida de forma oral, faz o narrador entrar na narrativa, o que o torna parte da história, fazendo que a fala do indivíduo não seja apenas um suporte da informação, mas a história sendo escrita, por meio da oralidade (Portelli, 1997).

Os pilares da oralidade, segundo Bortolin (2010) são quatro: o corpo, a voz, a presença e o espaço. Zumthor (2010) afirma que o corpo é a forma condutora dos movimentos, cores, gestos e sensações da narrativa. A voz confere a dimensão oral à performance sendo emanada pelo corpo.

A performance é um acontecimento público, ocorre na presença de espectadores e tem como ponto central o corpo em ação. É a forma pela qual o indivíduo consegue se expressar. Na década de 1950, teve grande disseminação com o sentido de “manifestação cultural lúdica [...] fortemente marcada por sua prática” (Zumthor, 2007, p. 30). Segundo Finnegan (2008), a performance vai além de um evento acústico, sendo uma série de eventos multimodais, “o visual, o somático, o gestual, o teatral, o material”. Zumthor (2010) afirma que o ato performático é composto de formas sócio-corporais, que vão além dos elementos linguísticos que atuam na transmissão do poema.

Conforme Nogueira (2007), as formas linguísticas e extralinguísticas<sup>8</sup> usadas pelo performer, adaptam-se ao público. Dessa forma, o ouvinte é considerado elemento interativo da performance, pois ele se identifica com ela e é tocado por diversas emoções. Assim, ele tem um papel importante no jogo textual, podendo

---

<sup>8</sup> Nogueira (2007) considera como formas extralinguísticas as seguintes características: altura, timbre e tom de voz, gestos, expressões do rosto que compõem a performance.

assumir, inclusive, um papel de coautoria da narrativa. Há também outros elementos que interagem na performance, como os elementos visuais, auditivos e olfativos. A interação direta entre intérprete e ouvinte é denominada tatilidade (Zumthor, 2005).

Nesse sentido, não há a possibilidade de existir neutralidade no ato do mediador oral, pois é necessário que demonstre intensidade no ato para que seja capaz de provocar emoções na plateia. Caso houvesse a neutralidade, o performer não seria capaz de provocar emoções (Bortolin, 2010). Uma vez que a voz invoca a questão corpórea, ela ultrapassa a palavra. Ela emana de um corpo que possui historicidade, não é neutro. Mas também o fenômeno vocal constitui-se em uma herança cultural, ultrapassando o corpo de onde ela provém (Zumthor, 2010). Finnegan (2008) afirma que a voz vai além de ser um mero transporte de textualidade, a voz seria parte da própria substância textual que transporta:

Aqui, a voz é mais que mero condutor de textualidades preexistentes, sejam verbais ou musicais. [...] a voz é, ela mesma, em sua presença melódica, rítmica e modulada, parte da substância. Pois a “letra” de uma canção em certo sentido não existe a menos e até que seja pronunciada, cantada, trazida à tona com os devidos ritmos, entonações, timbres, pausas; tampouco a canção tem “música” até que soe na voz. Aqui, canção e poesia oral significam a ativação corporificada da voz humana [...] (Finnegan, 2008, p. 24).

Zumthor<sup>9</sup> (2005) afirma que a *nova oralidade*, mediada pelas novas tecnologias, é o que tem favorecido o retorno à voz. Nesse sentido, ambientes digitais têm se mostrado como o grande palco das novas mediações orais. Uma das formas de manifestação da oralidade é por meio dos *podcasts*. O uso cada vez maior de equipamentos na mediatização da voz já era previsto por Bortolin (2010).

Santos Neto e Bortolin (2020) abordam o ambiente em que essas interações de mediação ocorrem, definida como oralisfera. O termo é proposto por Bortolin e Almeida Júnior (2010, p. 21) e é originário da junção do termo *oralis* (no latim, *oris* = boca) com o termo *sfera* (do grego, *sphaira* = espaço, ambiente). Os autores buscam com essa definição mostrar que há uma atmosfera que envolve o ato da oralidade, que envolve as pessoas (leitor-narrador e leitor-ouvinte) e elementos

---

<sup>9</sup> Zumthor faleceu em 1995, portanto não vivenciou a exponencialidade do uso das mídias na propagação da voz em tempos da pandemia de COVID-19.

relacionados ao ato da oralidade (voz, corpo, movimento, respiração, ruído, som, cheiro, gesto, olhar, sussurro, pausa e silêncio).

A oralisfera vai além do ambiente físico e contempla também o ambiente digital. O avanço das tecnologias fez com que se potencializasse o uso de mídias e aplicativos que utilizam a voz como forma de possibilitar a comunicação. Kamers (2013) cita o fato de o homem estar sempre disposto a “experimentar” o novo, e com o lançamento de mídias, formas inovadoras de se comunicar surgem, especialmente nas interações com as gerações Z e Alpha.

Isso é demonstrado pelos avanços dos *smartphones*, que ao longo dos últimos 15 anos vem deixando de ser apenas um aparelho para a comunicação síncrona de áudio, por meio de ligações telefônicas, para se tornar um aparelho de possibilidades amplas, capaz de realizar todas as atividades de um *player* de áudio, como também para: efetuar chamadas de vídeos e áudios, sincronamente; tirar fotografias e gravar vídeos; gerenciar agenda; realizar transações bancárias; armazenar *tickets* de passagens aéreas, shows, cinema, campeonatos esportivos; protocolos jurídicos como assinaturas digitais; registrar e monitorar dados de saúde e de atividade física; reproduzir vídeos e ouvir *podcasts* de forma assíncrona. Esta última função, constitui o foco de interesse dessa dissertação.

Por outro lado, esses mesmos *smartphones* são ferramentas para a produção de conteúdo informacional, pois, com os recursos que disponibilizam, a mesma pessoa que consome a informação veiculada por vídeos e *podcasts* tem também a oportunidade de se tornar uma criadora de conteúdos. Tratar o sujeito como coprodutor não é algo recente, já havia sido discutido no avanço da *web 2.0.*, no início da década de 2000.

A *web 2.0* gera uma revolução na forma de interação do usuário com a rede, antes a interação era limitada, baseada na publicação textual, nesse momento o foco é na comunicação multisensitiva (Maness, 2006). Nesse ambiente repaginado, proporcionado pela *web 2.0*, tem-se a participação mais ativa de usuários e a diminuição gradativa da hegemonia das instituições tradicionais de comunicação, uma vez que os indivíduos conseguiam amplificar suas vozes de forma nunca experimentadas, sendo agora produtores da informação, em vez de apenas receptores (Petry, 2012 *apud* Viana; Mello, 2013). Wolton (2010) nomeia tal indivíduo como “receptor-ator”.

Para Tapscott e Williams (2007), esse “novo” usuário da informação, que não é apenas um passivo consumidor e passa a participar da elaboração do produto ou serviço oferecido, é chamado de *prosumer*. Esse conceito surge nesse ambiente digital dinâmico, em que o usuário consegue dar voz aos seus interesses e dessa interação as empresas e instituições direcionam seus produtos e serviços para atender necessidades cada vez mais únicas, criando soluções customizadas.

De forma semelhante, Lévy (1999) diz que os indivíduos se constituem como consumidores e produtores de conhecimento ao mesmo tempo no ciberespaço, o ambiente digital de interação. Para Lévy (1999, p. 96), a definição de ciberespaço é “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”.

A definição de Rabaça e Barbosa (2001) é similar a anterior, no sentido que o ciberespaço é uma dimensão virtual da realidade em que há a interação entre indivíduos por meio de computadores ligados em rede. Monteiro (2007, p. 1) complementa afirmando que o ciberespaço possui por característica ser um espaço desterritorializante, ele existe “em um local indefinido, desconhecido, cheio de devires e possibilidades”.

A primeira definição do termo surge na literatura, no conto “*Burning Chrome*” de Willian Gibson: “Uma representação gráfica de dados extraídos dos bancos de cada computador no sistema humano. Complexidade impensável. Linhas de luz distribuídas no não-espaço da mente, aglomerados e constelações de dados” (1989, p. 128, tradução nossa). A definição é deveras complexa, especialmente na época em que surgiu, quando não havia a disseminação de computadores e ambientes virtuais de compartilhamento de informações. No prefácio da edição brasileira, Alex Antunes trata do ciberespaço como “uma representação física e multidimensional do universo abstrato da 'informação'. Um lugar pra onde se vai com a mente, catapultada pela tecnologia, enquanto o corpo fica pra trás” (Gibson, 2003, p. 5-6 *apud* Monteiro, 2007).

Lévy (1999) previa que já no século XXI esse seria o “principal canal de comunicação e suporte da memória da humanidade”, uma vez que todas as informações tenderiam a ser digitalizadas. Além disso, evidenciava o início das comunicações no ciberespaço, como as proporcionadas pelo correio eletrônico, as conferências eletrônicas, as possibilidades geradas pelo hiperdocumento

compartilhado, de uma forma geral, os “mundos virtuais multiusuários” (Lévy, 1999, p. 104), possibilitando, assim, a combinação de muitos modos de comunicação.

Ainda segundo Lévy (1999), são três os princípios que orientam o crescimento do ciberespaço: a interconexão, as comunidades virtuais e a inteligência coletiva. Em relação à interconexão, o autor se refere como sendo um ambiente sem fronteiras para as relações entre a humanidade, criando as condições propícias para o desenvolvimento desse gênero de comunidade. Essas comunidades superam barreiras geográficas e são construídas com base em interesses mútuos de determinadas pessoas, dessa forma, é gerado um processo colaborativo em torno de algum interesse, conhecimento etc. A inteligência coletiva é buscada por meio dessas comunidades, pois é por meio do ciberespaço que ela pode ser alcançada. Segundo o autor a inteligência coletiva é:

o estabelecimento de uma sinergia entre competências, recursos e projetos, a constituição e manutenção dinâmicas de memória em comum, a ativação de modos de cooperação flexíveis e transversais, a distribuição coordenada dos centros de decisão, opõem-se à separação estanque entre as atividades, às compartimentalizações, à opacidade da organização social (Lévy, 1999, p. 28-29).

De acordo com Monteiro (2007, p. 6), é possível pensar o ciberespaço como um novo mundo, um novo espaço em que são realizadas interações, comunicações, significações, não sendo um espaço imaginário ou irreal, mas que existe de fato, e o faz “[...] em um plano essencialmente diferente dos espaços conhecidos”. O ciberespaço proporciona o surgimento de uma nova era da sociedade humana, em que há uma nova relação de tempo e espaço, onde o espaço não é mais concreto e o tempo não é mais linear.

O ciberespaço, de acordo com os conceitos e definições apresentados pode ser compreendido como um mundo virtual e não se considera apenas a rede de equipamentos digitais, mas também as redes formadas pelos seres humanos que habitam esse espaço e que geram interações por meio da disponibilização de vários meios de comunicação. Nesse ambiente digital, há o armazenamento de dados e informações e nele ocorrem diversas trocas, passando por simbólicas, comerciais, econômicas, sociais, entre outras.

Relacionado ao conceito de ciberespaço há a cibercultura, que consiste em um movimento social. Lévy (1999, p. 17) a define como “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamentos

e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”. A cibercultura representa um novo momento, diferente das formas culturais anteriores. Uma das características desse momento cultural é a rapidez nas transformações técnicas e como isso afeta percepção que se tem quanto ao acompanhamento das transformações, uma vez que “até mesmo os mais ‘ligados’ encontram-se, em graus diversos, ultrapassados pela mudança, já que ninguém pôde participar ativamente da criação das transformações” (Lévy, 1999, p. 28).

A partir das relações culturais no escopo do ciberespaço, Castells (2008) incide com o conceito de uma nova era da sociedade, a “Sociedade em Rede”. As redes constituídas por computadores, pessoas e informação, intensificaram as relações, uma vez que seu alcance é global e integra todos os meios de comunicação. Esse momento é caracterizado por grandes mudanças em práticas culturais e em relação aos movimentos culturais:

Os movimentos sociais do século XXI, ações coletivas deliberadas que visam à transformação de valores e instituições da sociedade, manifestam-se na e pela Internet. O mesmo pode ser dito do movimento ambiental, o movimento das mulheres, vários movimentos pelos direitos humanos, movimentos de identidade étnica, movimentos religiosos, movimentos nacionalistas e dos defensores/proponentes de uma lista infindável de projetos culturais e causas políticas (Castells, 2003, p. 114).

Ainda nesse sentido, Palloff e Pratt (2002) afirmam que a cibercultura gerou uma reconfiguração completa dos espaços e territorialidades. Se antes era necessária a participação, territorialidade e a diferenciação em grupo social para o desenvolvimento de uma comunidade, com o advento das TDIC há mudanças nas formas pelas quais as pessoas interagem. Nesse contexto hodierno, os relacionamentos se tornaram muito mais complexos, uma vez que os grupos e comunidades podem ser reais ou virtuais, globais ou locais.

Da interação entre os espectadores e os meios de comunicação, surge o conceito de cultura participativa. Para Jenkins (2009), essa interação abandona antiga relação de passividade e dá lugar a uma relação decorrente de um novo conjunto de regras. Essa convergência ocorre “[...] dentro do cérebro de consumidores [...]” (Jenkins, 2009, p. 27), por meio das construções pessoais a partir de pedaços e fragmentos de informações do fluxo midiático.

Relacionado à cultura participativa, Jenkins (2009) se utiliza de Pierre Lévy para explicar a inteligência coletiva. Como cada indivíduo sabe um pouco de cada coisa, uma vez que é impossível uma pessoa saber tudo, nesse processo social de reunir as informações, emerge uma fonte alternativa de poder midiático. Jenkins (2009) justifica as mudanças em setores sociais, religiosos, educacionais, políticos etc. decorrentes dessa produção coletiva de significados advinda de fontes alternativas das grandes mídias tradicionais.

Ao lado da cultura participativa e da inteligência coletiva, Jenkins utiliza os conceitos de convergência dos meios de comunicação para explicar o conceito de cultura da convergência, que é definida como a colisão entre as velhas e as novas mídias, um ponto de encontro entre a mídia corporativa e a alternativa, gerando um resultado imprevisível. Em relação à convergência, Jenkins (2009, p. 27) refere-se:

ao fluxo de conteúdos através de múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca de experiências de entretenimento que desejam [...] A convergência representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos midiáticos dispersos.

As comunidades virtuais vêm ganhando espaço e uma explicação do seu sucesso é decorrente do surgimento de uma nova forma de recompensas, uma forma de pagamento social (Jenkins; Ford; Green, 2015). Para além do retorno financeiro de alguns contribuidores das comunidades, há um pagamento não financeiro que consiste na expectativa de que outros usuários contribuirão com seu tempo e trabalho para desenvolver a comunidade, em benefício de todos. Outros motivos para esse trabalho não remunerado financeiramente são reconhecimento, atenção e construção de identidade dentro da comunidade, desenvolvimento de vínculos sociais, criação de uma ferramenta útil, entre outros<sup>10</sup>.

Dessa forma, aliando os espaços para o desenvolvimento da cultura da convergência com o retorno à oralidade, os *podcasts* podem ser entendidos como espaços virtuais em que indivíduos interagem em comunidades, levando em consideração o desenvolvimento de cada pessoa em torno de recompensas

---

<sup>10</sup> Esse fenômeno é tratado como a *Teoria da Troca Social*, e é abordado nos trabalhos de Cropanzano e Mitchell (2005), Lawler e Thye (1999), Park, Lee, Lee (2015) e Zoller, Schilcutt e Muldoon (2019).

financeiras e não-financeiras. Quando o *podcast* do produtor de conteúdo é monetizado ele acaba recebendo recompensas financeiras proporcionais ao número de ouvintes e engajamento de seu público. As recompensas não-financeiras podem ser consideradas tanto na produção de *podcast* de menor difusão, como para os ouvintes, que acabam por receber recompensas sociais.

### 3 MEDIAÇÕES: ALGUMAS TIPOLOGIAS E EXTENSÕES CONCEITUAIS

Segundo o Dicionário Michaelis (Mediação, 2022a), o termo mediação possui origem etimológica no latim, sendo *mediatĭo* o termo originário (Mediação, 2022b). Neste Dicionário, o termo possui 10 definições e abrange diversas áreas, como na linguagem comercial, jurídica, filosófica, retórica, astronômica, matemática e musical. A definição que mais se aproxima da CI é a mediação como o “ato de servir como intermediário entre pessoas, grupos, partidos, noções etc.” (Michaelis, 2022). As definições neste Dicionário são:

- 1) Ato ou efeito de mediar; 2) Ato de servir como intermediário entre pessoas, grupos, partidos, noções etc., com o objetivo de eliminar divergências ou disputas; 3) COM - Ato de servir como intermediário entre o comprador e o vendedor; corretagem; 4) JUR - Intervenção por meio da qual se procura chegar a um acordo; 5) Procedimento que visa aproximar as partes interessadas para o fechamento de um contrato ou negócio; 6) FILOS - Processo criativo por meio do qual se passa de um termo inicial a um termo final; 7) RET - Ato de interceder junto a um santo ou divindade, a fim de obter proteção; 8) ASTR - Momento em que um astro atinge sua maior altura acima do horizonte; 9) MAT - Operação de soma, termo a termo, de duas frações ordinárias; 10) MÚS - Divisão de versículo ou salmo em duas partes, a primeira cantada por um coro e a segunda por outro.

Cotidianamente a acepção do termo mediação pode assumir outras definições, como ações realizadas por mediadores ou processos realizados por terceiros. Na CI, ao longo dos anos, o termo mediação teve sua utilização modificada, sendo mais relacionado ao sentido de conciliação ou intervenção (Santos Neto, 2014; Santos Neto; Almeida Júnior, 2017).

Para Signates (1998), o uso da mediação como mera intermediação é equivocada, pois a mediação não é simplesmente ligar duas partes separadas e independentes. Não se pode também considerar a mediação como um processo de filtragem, pois fornece a ideia de seleção de conteúdo. Para o autor, se apoiando na ideia hegeliana, o conceito de mediação traz a relação dialética entre dois pontos diferentes, e dessa relação entre pontos, que não se torna homogênea, nem linear, busca-se a superação e negação da percepção inicial, dentro de um contexto concreto e específico.

Nesse sentido, Davallon (2007) entende que em seu uso mais comum, a noção de mediação refere-se à ação de servir de intermediário, mas não sendo apenas como “uma simples relação ou uma *interacção* entre dois termos do mesmo nível, mas que ela é produtora de qualquer coisa de mais, por exemplo de um estado mais satisfatório” (2007, p.7). Para o autor deve-se considerar a dimensão simbólica do processo comunicacional.

Na concepção de Silva (2010) a mediação corresponde a um processo de trocas simbólicas, que ocorre dentro de um processo de comunicação e se manifesta na sociabilidade. Segundo Ribeiro (2010) a sociabilidade corresponde ao conjunto condutas, representações e práticas que unem todos os indivíduos dentro de um grupo social, fazendo-os pertencer a uma mesma comunidade. Para a autora a mediação emerge da linguagem, que corresponde a um sistema de signos comum a toda uma sociedade.

Partindo da perspectiva epistemológica, Braga (2012) entende que a mediação é a relação entre o ser humano e o ambiente que o circunda, incluindo o mundo natural e a sociedade. O autor afirma que:

A ideia de mediação corresponde à percepção de que não temos um conhecimento direto dessa realidade – nosso relacionamento com o ‘real’ é sempre intermediado por um ‘estar na realidade’ em modo situado, por um ponto de vista – que é social, cultural, psicológico. O ser humano vê o mundo pelas lentes de sua inserção histórico-cultural, por seu ‘momento’ (Braga, 2012, p. 32).

Até esse momento, a mediação é compreendida como uma atividade que pressupõe a relação entre partes em que se ultrapassa a ideia de interligação pura e simples como a ideia de uma ponte, e sim uma atividade que agrega e ressignifica uma situação. E isso é possível devido as trocas simbólicas entre as partes e inclusive seu ambiente.

A perspectiva da mediação como processo ocorre no âmbito social e cultural, conforme argumenta Guaraldo (2013), ao apontar que a mediação possui a função de enfatizar o caráter social da informação. Segundo Gomes (2014), a mediação está dentro de um processo social, dialógico que possibilita a interlocução entre sujeitos e o compartilhamento de experiências e de subjetividades. Santos Neto e Almeida Júnior (2017) corroboram essa ideia, pois consideram a mediação como um fato social, que participa de um processo de construção de sentidos; dessa

maneira não pode ser analisada de forma isolada, ainda mais ao se apreciar sua relação com a comunicação.

O ato de mediar pressupõe a intencionalidade do mediador de estar entre o objeto e o mediado como forma de possibilitar e potencializar a construção do conhecimento pelo mediado. Dessa forma, os estímulos provenientes do objeto, já alterados pela mediação, ao menos momentaneamente, proporcionam que o “mediado construa sua própria aprendizagem, que o mediado aprenda por si só” (Ferneda; Lanzi; Vidotti, 2015, p.130).

De acordo com as investigações realizadas pelos membros do grupo de pesquisa “Interfaces: Informação e Conhecimento”, muitas modalidades de mediação foram encontradas relacionadas às diversas áreas do conhecimento. Sendo as mais recorrentes na CI: Mediação Cultural, Mediação Custodial, Mediação pós-custodial ou Informacional, Mediação de Leitura, Mediação oral e, mais amiúde a Mediação da informação.

O que aproxima todas essas mediações é o fato de ser um ato intencional, sendo uma ação de interferência, mesmo que não seja consciente. Segundo Santos Neto e Almeida Júnior (2017, p. 255), “a mediação caracteriza-se por ser colaborativa, participativa e potencialmente transformadora”.

Na próxima subseção serão debatidos os conceitos como mediação custodial e pós-custodial, mediação da informação, ação implícita e explícita do mediador, dimensões da informação (dialógica, estética, formativa, ética e política), mediação oral e mediação oral da informação.

### **3.1 Mediação custodial e pós-custodial**

A mediação custodial é voltada para uma visão histórico-patrimonialista e tecnicista, em que há maior preocupação com a guarda e preservação do acervo, e tem como característica uma mediação passiva. Por ser caracterizado como historicista, neste paradigma busca-se exaltar as identidades culturais representados pelos documentos e objetos por meio da preservação, tendo regras rígidas ao acesso, que muitas vezes compromete seriamente a aproximação aos mesmos, tornando o contato com esses itens como privilégio de poucos. Segundo

o *Dicionário Eletrônico de Terminologia em Ciência da Informação* (2007 apud Ferreira; Rochemback, 2017), a mediação custodial:

identifica-se com a Modernidade, pois nasce nela, sob a égide do desenvolvimento e da consagração da História, das instituições memorialísticas e custodiadoras geradas pelo Estado-Nação e incorporadas mais tarde (depois da II Guerra Mundial) no Estado Cultural, tais como Arquivos, Bibliotecas e os Museus e do pendor técnico/tecnicista ou procedimental, apurado ao longo do séc. XX, dos profissionais criados por esse tipo de instituições ou serviços.

A mediação em situações em que há a prevalência do paradigma custodial se caracteriza por ser de acesso restrito e que pode ser representada nas seguintes conjunturas cotidianas nos espaços informacionais:

a) acervo é fechado e de circulação restrita (salvo os casos especiais); b) censura ou manipulação na aquisição e empréstimo de obras; c) demora na execução de serviços de atendimento ao usuário e empréstimo; d) horários inflexíveis de funcionamento; e) burocracias e empecilhos para adentrar, permanecer e sair do ambiente informacional; f) não disponibilização de mesas, poltronas e balcões para consulta e leitura no local; entre outros. Muitos são os elementos que conferem rigidez à mediação da informação. (Santos Neto, 2019, p. 349).

Por outro lado, existe a mediação decorrente do paradigma pós-custodial. Ela surge em um período de transição, de uma sociedade moderna para uma sociedade contemporânea, que corresponde a um período em que a evolução da cientificidade e da tecnologia se tornam incompatíveis com o modelo de sociedade anterior (Santos, 2018).

Ela é caracterizada pela ênfase no acesso, uma vez que os suportes informacionais mudaram, e constata-se um equilíbrio entre a disseminação e a preservação da informação. O paradigma muda exatamente a partir do momento em que se reconhece o usuário como sujeito central do processo e, dessa forma, o acesso mediado pelas tecnologias é mais abrangente e potencializado. A informação passou a ser compreendida como um fenômeno humano e social.

Nesse tipo de mediação é perceptível o exercício da mediação em âmbito profissional, tendo o profissional da informação uma postura mais ativa. Silva (2010) divide em três tipos as mediações no paradigma pós-custodial: institucional, distribuída e/ou partilhada e cumulativa. O primeiro tipo de mediação citado refere-se àquelas realizadas dentro de instituições culturais tradicionais, como bibliotecas e

arquivos, e é promovida por profissionais dessas instituições. No segundo tipo, a mediação:

ocorre em certos tipos de serviços e media digitais, como websites e blogs, pertencentes a entidades colectivas e a indivíduos, em que há o(s) mediador(es) que localiza(m), digitaliza(m), seleciona(m) e disponibiliza(m) conteúdos, há o designer e a empresa que vendem ou fornecem de forma livre a aplicação e há aderentes ao serviço que são convidados a intervir activamente com conteúdos e comentários (Silva, 2010, p. 31).

O terceiro tipo de mediação pós-custodial, a cumulativa, é o que o autor destaca por estar “emergindo de forma aparentemente anárquica”, dada a característica de trocas mais intensas nas redes:

à medida que se inovam e expandem mais as possibilidades tecnológicas (novas soluções e produtos) o papel do “prossumidor” (produtor e usuário) cresce enormemente, desenvolvendo um tipo de mediação cumulativa que pode abranger a de designer e de programador, e que produz efeitos e é condicionada através da activa participação em comunidades que agregam interagentes idênticos ou parecidos (Silva, 2010, p. 31).

Apesar das trocas emergirem de formas, aparentemente, descontroladas, o paradigma pós-custodial pressupõe e promove um trabalho de coordenação do fluxo de informações para o público, que corresponde à sua função social e dever ético (Miranda, 2010).

### **3.2 Mediação da informação**

A primeira publicação com termo “mediação da informação” aparece em 1995 com Leila Mercadante. E nesse momento não há discussão sobre a sua definição conceitual, apenas em 2006, é que Almeida Júnior no VII *Encuentro de Educadores e Investigadores en Bibliotecologia, Archivologia, Ciencias de la Información y de la Documentación de Iberoamérica y el Caribe* (EDIBCIC) estruturou uma definição para mediação da informação. A proposta compreendia as mudanças relacionadas às novas perspectivas na CI, no que tangia a relação do sujeito e da informação, sinalizando novas perspectivas do objeto de estudo da CI, do ponto de vista da subjetividade, imaterialidade e efemeridade da informação (Santos Neto, 2019).

Posteriormente no Encontro Nacional de Pesquisa em Pós-Graduação em Ciência da Informação (ENANCIB), em 2008, Almeida Júnior apresenta a seguinte definição de mediação da informação:

[...] é toda interferência - realizada pelo profissional da informação -, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; que propicia a apropriação de informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional (Almeida Júnior, 2009, p. 92).

Uma reformulação na definição de mediação da informação foi proposta por Almeida Júnior em 2015, nela são inseridos elementos que não existiam anteriormente, que são: processo, ambiência e conflito. Dessa forma:

Toda ação de interferência – realizada em um processo, por um profissional da informação e na ambiência de equipamentos informacionais –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; visando a apropriação de informação que satisfaça, parcialmente e de maneira momentânea, uma necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades informacionais (Almeida Júnior, 2015, p. 25).

Numa provável tentativa de superar a intencionalidade impositiva do intervir, Almeida Júnior opta pelo termo interferência em vez de intervenção, como salienta Gomes (2020).

Analisando os termos inseridos na definição de Almeida Júnior (2015), para que haja mediação é necessário o **processo** que envolve sujeitos e situações, “[...] que despertam novas necessidades e, conseqüentemente, novas mediações” (Santos Neto; Almeida Júnior, 2017, p. 257). Em relação ao termo **ambiência**, que pode ser física ou virtual, há a preocupação na forma pela qual o significado que os conteúdos resultarão aos usuários. E por fim, a informação e mediação não são capazes de dirimir dúvidas, preencher lacunas, mas sim de gerar novas dúvidas, novas necessidades informacionais, gerando novos **conflitos**. A mediação ocorre de forma implícita ou explícita:

A mediação implícita ocorre nos espaços dos equipamentos informacionais em que as ações são desenvolvidas sem a presença física e imediata dos usuários. [...] A mediação explícita, por seu lado, ocorre nos espaços em que a presença do usuário é inevitável, é condição *sine qua non* para sua existência, mesmo que tal presença não seja física, como, por exemplo, nos acessos à distância em que não é solicitada a interferência concreta e presencial do profissional da informação (Almeida Júnior, 2009, p. 93).

As formas pelas quais a mediação ocorre também são estudadas no trabalho de Botelho e Gomes (2016), nesse estudo as autoras tratam das representações temática e descritiva da informação e usam o termo mediação indireta e direta como análogo ao termo de mediação implícita e explícita, respectivamente, de Almeida Júnior (2009).

Além da fundamentação conceitual de Almeida Júnior (2009, 2015) destaca-se também as contribuições teóricas de Gomes (2014, 2020), que propõe cinco dimensões da mediação da informação: dialógica, estética, formativa, ética e política<sup>11</sup>.

Em relação à **dimensão dialógica**, a autora diz que sem a dialogia é impossível realizar a mediação da informação, ela seria a sustentação da própria ação mediadora. O mediador deve se atentar para as características dos indivíduos envolvidos na ação, de forma que todos possam participar tendo espaço de voz assegurado. Esse seria um espaço de respeito entre todos envolvidos, onde todos se sentem confortáveis à manifestação e interpelação, a ação da mediação deve ser realizada com o outro e não para ou sobre o outro, pois sem o diálogo a mediação é impossível e o que ocorre é a manipulação e/ou imposição.

A partir da situação descrita, é possível refletir sobre o desenvolvimento da Zona de desenvolvimento proximal (ZDP), que segundo Vygotski (1998, 2001, 2003a, 2003b *apud* Gomes, 2020, p.12) configura-se “como uma instância potencializadora do desenvolvimento interior e da geração de sentidos, circunstância promotora da apropriação da informação pelos sujeitos.”

A partir do acesso à ZDP, o indivíduo mesmo enfrentando certa desestabilização de seu cabedal de conhecimentos, ele parte para o processo de problematização, e com a dialogia consegue reconstruir seu cabedal, alargando sua compreensão e com isso gerando o prazer estético, uma vez que há sua recriação como sujeito. Dessa forma, a mediação da informação alcança a **dimensão estética** (Gomes, 2020). Segundo Pacheco, Caldera e Ulian (2022, p. 06), a dimensão estética se manifesta “[...] quando é possível o estabelecimento de laços de confiança, cooperatividade e compartilhamento de saberes, conhecimentos, sentimentos e experiências entre as partes envolvidas”.

---

<sup>11</sup> Essas dimensões constituem e fundamentam o foco da análise aqui realizada.

Outro momento de alcance da dimensão estética é relacionado à ambiência, permitindo uma condição de acolhimento e conforto emocional para todos, o que gera liberdade de pensamento, interpelação, questionamento e de crítica por todos. A mediação consciente deve ser capaz de lidar com as linguagens e dispositivos, de forma a sustentar a dialogia. Diferentemente de somente fornecer acesso aos conteúdos, que não favorece, necessariamente, o domínio sobre eles (Gomes, 2020).

A ambiência pode ir além do espaço físico, sendo a característica mais importante ser um local de pertencimento, criado a partir da construção de laços. A dimensão estética pressupõe a criação de um sentimento de pertença, que favorece o encontro com a informação cultivando “[...] o terreno seminal ao desenvolvimento intelectual e a geração de conhecimento” (Gomes, 2020, p. 14). Ainda segundo a autora:

Poder-se-ia denominar essa ambiência de ambiência do conforto ao pertencimento, onde o pensamento flui com liberdade e respeito à alteridade, propício ao trânsito livre das ideias, sem censura ou rejeição, sendo estimulante ao exercício paritário da crítica, instância em que se articulam as dimensões dialógica e estética (Gomes, 2020, p. 14)

Por meio da escuta e da observação sensível, os mediadores conseguem identificar as emoções e sentimentos dos sujeitos da mediação, e quando são acolhidos e reconhecidos como sujeitos ativos na ação mediadora, ocorre a mediação consciente da informação.

Na dimensão estética, em que o sujeito aciona as ZDPs, ele entra em um “estado de desestabilização, de conflito cognitivo” (Gomes, 2020, p. 15), e nesse ponto, como diz Almeida Júnior (2015), há o conflito informacional, destacado no conceito de mediação da informação.

A partir do alcance intenso da dimensão estética, representada principalmente pela ampliação do exercício da crítica e do debate, há a intensificação do processo de problematização, e dessa forma, a mediação da informação alcança a **dimensão formativa**. Assim, ressignificações ou novas interpretações ocorrem a partir do contato com novas informações, geram um momento de conflito cognitivo e propiciam debates e problematizações e favorecem a consolidação da apropriação da informação. Pareyson (1993 *apud* Gomes, 2020, p.16) afirma que a situação de

debate e problematização contribuem para o processo de apropriação “que alterará o estágio intelectual, cognitivo e afetivo do sujeito.

A **dimensão ética** é alcançada por meio da mediação consciente, que entende a intencionalidade da ação em favor do desenvolvimento e fortalecimento do protagonismo social, sendo um eixo articulador das demais dimensões. Almeida Júnior (2015, p.17) reforça a necessidade de se atentar à dimensão ética, uma vez que ele compreende que ação mediadora é uma ação de interferência:

Neste sentido, a mediação da informação está posicionada na valorização do coletivo, dos interesses do coletivo, dos valores e princípios inclusivos e de justiça social, o que vindica o alcance das suas dimensões, entendendo-as como instâncias do cuidado com o outro, com a sociedade, com o conhecimento, com a cultura e, por consequência, com a própria informação.

Com a plena articulação das dimensões citadas, dialógica, estética, formativa e ética pela mediação consciente é possível alcançar a **dimensão política**. Ela é caracterizada pelo fato de os sujeitos envolvidos na mediação perceberem sua condição de seres políticos. Nessa dimensão os sujeitos entendem e assumem sua posição de protagonismo social e que não há neutralidade nas ações. A dimensão política faz extrapolar o debate para além do ambiente informacional e da ação mediadora, em favor dos interesses da coletividade (Gomes, 2020).

Mesmo sendo uma abordagem recente, é possível identificar algumas pesquisas na CI que têm como foco as dimensões da mediação da informação propostas por Gomes (2014, 2020). O estudo de Calheira e Santos (2021) aborda as cinco dimensões da mediação da informação em atividades de mediação de leitura em instituições de longa permanência de idosos. No estudo, os autores afirmam que são alcançadas as cinco dimensões da mediação da informação por meio de exemplos citados durante as ações empreendidas nas instituições.

Em uma perspectiva similar à de Calheira e Santos (2021), Jesus e Gomes (2021) focam na formação crítica e consciente dos mediadores relacionando suas ações com as cinco dimensões da mediação da informação, por meio da análise de atividades empreendidas no Projeto de Extensão Lapidar. O estudo se utiliza de indicadores que servem para balizar a análise, verificando se as dimensões haviam sido plenamente, parcialmente ou não alcançadas. A pesquisa mostrou que nem

todas as dimensões da mediação da informação foram plenamente alcançadas, mas pode-se destacar que a dimensão estética foi a mais intensamente alcançada.

Uma outra possibilidade de estudos no que se refere as dimensões da mediação da informação é exemplificado nos estudos de Nunes (2019) e de Maia e Farias (2022), em que ambos tratam da mediação da informação no âmbito dos periódicos científicos. Nunes (2019) aborda como a dimensão estética se manifesta nas revistas científicas de CI e analisa a percepção dos editores como mediadores, quais recursos da mediação são usados no fluxo editorial e até propõe uma nova categoria de mediação, a mediação editorial.

No estudo de Maia e Farias (2022), pesquisou-se especificamente as dimensões dialógica e ética da mediação da informação no campo da revisão editorial por pares aberta. Ao longo do artigo são feitas análises que mostram como o processo de publicação científica é repleto de práticas dialógicas e mediadoras, demonstrando uma relação entre o fluxo editorial e as cinco dimensões da mediação da informação.

Uma outra perspectiva de estudo é a de Pacheco, Caldera e Ulian (2022), que relacionaram a mediação da informação com a competência em informação, ressaltando o caráter interdisciplinar das áreas. As autoras focam no profissional da informação como o sujeito da práxis da mediação, e desenvolvem as cinco dimensões da mediação da informação a partir da ação dos mediadores como forma de alcançar a mediação consciente da informação.

As pesquisas apresentadas mostram como a abordagem teórica de Gomes (2014, 2020) das cinco dimensões da mediação da informação podem ser relacionadas à diferentes contextos e ambiências em que a mediação da informação é deflagrada. Nesse sentido, vislumbra-se também que as dimensões da mediação da informação se estendem à mediação oral da informação, uma vez que as ações mediadoras desse tipo de mediação são manifestadas tanto nas formas presenciais de mediação como em sua versão mediatizada – entre outras, as contações de histórias em ambiente compartilhados fisicamente e *podcasts*. Desse modo, discute-se na subseção a seguir sobre a mediação oral e a mediação oral da informação.

### 3.3 Mediação oral e mediação oral da informação

Convencionalmente, a forma pela qual se estuda a mediação da informação é a que tem a escrita ou a informação registrada como objeto principal. Nessa pesquisa, o foco é a informação oral, isto é, aquela que é mediada utilizando a voz, ainda que registrada e materializada em *podcasts*.

Na CI tradicionalmente considera-se que é a leitura do texto escrito que favorece a apropriação da informação. No entanto, destaca-se outra possibilidade de apropriação, uso e produção de informação para além do consumo de fontes escritas, ou seja, aquela que é possível por meio da mediação oral da informação. A construção do conhecimento pode ocorrer por meio da oralidade, considerando a apropriação de informações por meio da transmissão verbal. A informação quando exposta de forma oral, também permite ao indivíduo a capacidade de apropriar-se daquela informação, construindo significados e agregando saberes.

Desse modo, Bortolin (2010) demonstra que uma das formas pelas quais a mediação pode ser realizada é considerando o suporte vocal dos mediadores, assim, por meio da veiculação da voz viva ou mediatizada é possível que seja feita a intervenção e que o indivíduo possa se apropriar da informação.

Justifica-se a importância desse tipo de mediação uma vez que não se considera haver “analfabetismo oral”, pois Freire (2015) advoga que a construção do conhecimento de mundo com base na oralidade antecede a construção de saberes pela palavra escrita. Assim, a mediação oral é importante para muitas pessoas em diversas fases da vida, como por exemplo, as crianças, uma vez que não se apropriaram adequadamente da escrita ainda. Assim como destaca-se a relevância da mediação oral para pessoas iletradas ou não alfabetizadas, pois é por meio dela essas pessoas poderão ter acesso e se apropriar da informação, desenvolver raciocínio lógico-crítico em prol do protagonismo na construção de saberes, criando suas próprias narrativas orais a partir do contato prévio de outras narrativas.

As narrativas orais estão presentes em praticamente toda a história humana e favorecem o compartilhamento de informações, experiências e saberes. Elas podem ocorrer de duas formas, pela leitura em voz alta ou narração livre, realizada por um leitor-narrador. Para Bortolin e Almeida Júnior (2010), o leitor-

narrador é o indivíduo que faz a intermediação entre o leitor-ouvinte com os textos, sejam escritos ou orais, e se utiliza do suporte vocal para ler ou narrar.

Bortolin (2010, p. 20) fornece três conceitos básicos sobre esse tipo de mediação: “a) oral refere-se à boca, isto é, [...] a tudo aquilo que se transmite pela boca, podendo ser palavras e sons; b) expressão oral é a expressão por meio da fala e c) tradição oral são os conhecimentos transmitidos de boca ao ouvido”. De forma análoga e sintética, Arantes (2014) se apropria da ideia e sumariza que a oralidade é composta por: a) aparelho fonador, b) linguagem e c) cultura.

No caso do mediador é importante que ele avalie o local que ocorrerá a mediação, para que seja confortável para acomodar o leitor-ouvinte. O ambiente deve construir uma ambiência que favoreça o imaginário e o prazer estético aos indivíduos (Bortolin; Almeida Júnior, 2010).

A oralidade, por meio da voz ativa ou mediatizada, é um recurso que vem ganhando espaço como alternativa a escrita em algumas situações, como naquelas que se exige uma maior atenção, imobilidade física, silêncio e concentração dada as características da comunicação escrita. Dessa forma o uso da oralidade é mais uma ferramenta para os mediadores na atração dos indivíduos para os espaços informacionais (Bortolin; Santos Neto, 2015).

Na mediação se pressupõe um terceiro elemento, seja para articular, mediar ou conciliar (Santaella; Nöth, 2004) e esse elemento pode ser mais do que apenas um indivíduo, pode ser um objeto, uma imagem, uma expressão, um som, um dispositivo (Davallon, 2007).

A mediação oral está pautada na comunicação oral, e são duas as formas pelas quais ela pode ser manifestada, presencialmente ou virtualmente. A voz quando é transmitida de forma virtual recebe o nome de oralidade mediatizada, segundo Arantes (2014, p. 25) ela é “a voz que se revela, manifesta, externa por meio das tecnologias midiáticas. A oralidade mediatizada transpassa o espaço e o tempo, pois é capaz, através das ferramentas tecnológicas, de ser eternizada”.

A possibilidade de reprodução da voz humana, assim por não haver necessidade de que essa interação seja em tempo real, proporciona uma maior interação entre mediador e mediando. A partir disso, há o aumento na oferta de serviços uma vez que é possível o atendimento a distância (Bortolin; Santos Neto, 2015).

A mediação oral da informação investigada nesta pesquisa é aquela que se dá no universo dos *podcasts* e, desse modo, discute-se na próxima seção esse fenômeno, que tem ganhado mais adesão entre os leitores-ouvintes, tanto como um recurso informacional quanto como a própria instância mediadora oral da informação.

## 4 O *PODCAST*: DE RECURSO INFORMACIONAL À INSTÂNCIA MEDIADORA ORAL DA INFORMAÇÃO

Com a constante evolução das tecnologias da informação, especialmente nas últimas duas décadas, muitas ferramentas e plataformas surgiram em ambientes virtuais, auxiliando a interação humana com as máquinas e entre humanos. Isso é percebido com a primeira geração da *web*, a *web* 1.0. Nesse modelo, como já mencionado, as interações eram mais estáticas e de “pronto-consumo”, sem margem para uma participação mais ativa do usuário, resultando numa interação limitada entre usuário e o fornecedor da informação na internet.

A geração seguinte, a *web* 2.0, conceito popularizado por Tim O’Reilly e Dale Dougherty, proporciona uma revolução na forma que o usuário interage na rede. Esse modelo tem por característica ser centrada no usuário e não é focada na publicação textual, mas em comunicação multisensitiva (Maness, 2006). Assim, esse “novo” momento da *web* é caracterizado por:

maior controlo por parte do utilizador, maior personalização dos conteúdos e serviços, a participação, a inteligência colectiva, a fragmentaridade/ atomização/modularidade da informação, ligada de modo fluído e recombinação, granularidade, etc. (Mota, 2009, p.15).

Com base nos serviços introduzidos pela *Web* 2.0 surge o conceito de biblioteca 2.0. O termo foi criado por Michael Casey, em seu blog *Library Crunch*. Esse conceito é definido por Maness (2006) como “aplicação de interação, colaboração, e tecnologias multimídia baseadas em *web* para serviços e coleções de bibliotecas baseados em *web* [...] uma realidade virtual para bibliotecas, uma manifestação *web* da biblioteca como lugar.” A teoria da biblioteca 2.0 é calcada em quatro elementos essenciais: é centrada no usuário, oferece uma experiência multimídia, é socialmente rica e é comunitariamente inovadora.

Definições semelhantes existem para Arquivos 2.0 (Theimer; Pugh, 2011) e Museus 2.0 (Schweibenz, 2010). Apesar de num primeiro momento parecer que se tentou colocar “2.0” nos mais variados termos como forma de cativar as pessoas por meio de um conceito da moda, algumas tentativas foram legítimas, e esse termo realmente correspondia a uma nova fase da área.

Para Theimer e Pugh (2011), as discussões sobre Biblioteca 2.0 serviram de inspiração para suas concepções sobre Arquivo 2.0. As discussões sobre o Arquivo 2.0 consideravam que o termo refletia um novo momento, caracterizado por mudanças sistêmicas e inter-relacionadas, que já vinham ocorrendo no mundo arquivístico. Esse conceito vai além dos usos de ferramentas da *web 2.0* no mundo dos arquivos, e o termo representa uma abordagem que promove abertura e flexibilidade na prática arquivística. As autoras afirmam que nesse momento, os arquivistas devem estar centrados nos usuários, utilizar a tecnologia sempre que possível para interagir com eles, compartilhar coleções e melhorar a eficiência interna.

Em relação à Museologia, Schweibenz (2010) afirma que as ideias principais da *web 2.0* de liberdade de controle de conteúdo e participação mais intensa e igualitária dos usuários trouxeram para a área um choque nos conceitos de autoridade, comunicação e participação. O maior desafio para a área é descobrir qual a equação que deve ser utilizada para que os museus não percam sua reputação de especialização e confiabilidade, uma vez que há premissas de que o controle dos conteúdos seja colaborativo.

Os usuários estão mais próximos das instituições, na medida em que novos recursos surgem devido ao avanço das TDIC, facilitando essa aproximação. O paradigma pós-custodial pressupõe o foco na recuperação da informação, fazendo que os espaços informacionais deixem de ser apenas repositórios de documentos.

No contexto da *web 2.0* surgem ferramentas que aprimoram a interação entre as pessoas na rede, dentre elas, as mensagens síncronas, *streamings*, *blogs*, *wikis*, *tagging*, *RSS feeds*, redes sociais e *mashups*. Mensagens síncronas são caracterizadas pela comunicação em tempo real entre indivíduos e permitem o serviço de referência por chat, como uma forma alternativa ao serviço de referência presencial nas bibliotecas. Assim as mensagens não se restringem mais à forma textual, permitindo outras formas de expressão, como áudio e vídeo (Jesus; Cunha, 2012).

Uma ferramenta importante é a *streaming mídia* que corresponde ao fluxo de dados de áudio e vídeo de forma contínua, sem a necessidade de terminar o *download* para que seja reproduzido. Esse tipo de serviço pode ser usado nas bibliotecas para que sejam criados tutoriais de uso de serviços presentes na instituição, assim como fazer a divulgação de conteúdos do acervo (Maness, 2006).

Outra ferramenta que pode ser utilizada para produção de conteúdo pelas bibliotecas são os *blogs*. Eles são caracterizados como mídias rápidas de produção e consumo de conteúdo disponibilizado na *web*, e dessa forma, são materiais com direitos autorais e que, em alguns casos, devem ser considerados como publicações pelas bibliotecas (Maness, 2006).

Há ainda duas ferramentas colaborativas que são a *wiki* e a *tagging*. As *wikis* são páginas *web* onde qualquer usuário pode ser habilitado para editar e produzir conteúdo referente a algum tema/verbo. Assim como os *blogs*, podem apresentar problemas na questão da fidedignidade em comparação com as fontes tradicionais de informação. *Tagging* é o modo pelo qual os usuários podem editar as formas de controle do conteúdo. Essa ferramenta se aproxima do conceito de metadado. Ela é uma maneira auxiliar na recuperação da informação e, por ser colaborativa, qualquer usuário pode fazer sua contribuição para facilitar na hora de recuperar algum item da coleção (Maness, 2006).

A ferramenta *RSS Feeds* (*Rich Site Summary* ou *Really Simple Syndication*) serve para que os usuários personalizem sua experiência na *web*, de maneira que temas previamente selecionados por eles possam ser fornecidos a cada atualização de conteúdos. Funciona similarmente a um serviço de assinatura, em que o usuário recebe periodicamente conteúdo organizado e de seu interesse. As redes sociais podem congregam todas as tecnologias anteriormente descritas. Elas permitem mensagens *instantâneas*, *blogs*, *streaming media*, *tags*, *RSS*. As redes sociais são fundamentais ferramentas para a criação de vínculos entre pessoas e entre pessoas e instituições (Jesus; Cunha, 2012).

Pode-se citar como exemplo a biblioteca 2.0, ela congrega várias ferramentas: “A Biblioteca 2.0 é totalmente centrada no usuário e orientada pelo usuário. É uma combinação de serviços de biblioteca tradicionais e serviços inovadores da Web 2.0. É uma biblioteca para o século XXI, rica em conteúdo, interatividade e atividade social.” (Maness, 2006, p.11, tradução nossa).

Decorrente da combinação de algumas ferramentas mencionadas, surge o *podcast*. Os *podcasts* são arquivos de áudio, gravados em formato digital que são disponibilizados por meio de plataformas de *streaming*. Atualmente, como discute-se, o formato é distribuído majoritariamente por plataformas como *Spotify*, *Google Podcast*, *YouTube*, *Deezer* e *Apple Podcast* (Martins, 2021).

Antes da popularização das plataformas de *streaming* de áudio, os ouvintes eram obrigados a baixar manualmente os arquivos para reprodutores de áudio ou computadores para serem ouvidos. Com o passar dos anos foi possível vincular o download às listas de *RSS* personalizadas de cada ouvinte, dessa forma, o *download* era automático conforme os arquivos eram publicados na internet (Freire, 2017).

O termo *podcast* surge em 2004 com Ben Hammersley. Em seu artigo no *The Guardian*, ele cita o potencial de revolução que os *podcasts* poderiam causar nas comunicações dado o caráter mais acessível de produção e publicação desse tipo de mídia. A ideia inicial do *podcast* era aliar a interatividade de um blog, a intimidade da voz, a conveniência e portabilidade dos *downloads*, liberando a audição dos ouvintes de tempo e lugar (Hammersley, 2004).

As pessoas por trás da ascensão dos *podcasts* foram Dave Winer e Adam Curry. Winer foi responsável em adaptar o *RSS* para poder incluir os arquivos de áudio, possibilitando a inscrição nos canais desejados pelos usuários. Curry criou nos Estados Unidos o primeiro *podcast* (iPodder), que foi importante para popularizar o gênero. A partir desse momento, os usuários que se inscreviam no canal conseguiam baixar os episódios para um *player* de mp3 automaticamente por meio de um computador (Berk *et al.*, 2007).

*Podcast* é uma palavra que deriva do termo *Pod*, que originalmente vem do termo iPod (aparelho de áudio digital portátil, que foi lançado pela empresa norte americana Apple) com a junção do termo em inglês *broadcast*, que significa transmissão. O termo *podcast* apareceu pela primeira vez no Dicionário Oxford da língua inglesa em 2005 (Berk *et al.*, 2007). Foi considerada a “palavra do ano” de 2005 pelo mesmo Dicionário, devido seu potencial em revolucionar a indústria das comunicações por meio de voz (Chan-Olmsted; Wang, 2020).

Os *podcasts* proporcionam uma alternativa aos canais tradicionais de mídia. E por sua tecnologia ser de baixo custo, sua produção se torna profundamente democrática (Balzen, 2017 *apud* Martins; Vieira, 2021). Diferentemente dos serviços que fornecem conteúdo audiovisual (por meio do YouTube, por exemplo) que requerem uma infraestrutura maior, de ambiente, ferramentas e instrumentos para sua produção, os instrumentos necessários para a gravação de um programa de *podcast* são apenas um computador, um microfone e um programa para editar a gravação. O

programa Anchor é o mais usado atualmente para criação de *podcast* por usuários que não tem tanta experiência em ferramentas digitais. Com as ferramentas fornecidas pela referida plataforma é possível gravar, editar, organizar os episódios, fazer *upload* e disponibilizar nas plataformas de *streaming*, tudo de forma gratuita.

Hennig (2017) cita que, em geral, os conteúdos dos *podcasts* versam sobre: entrevistas, conversas, como fazer?, seminários, fatos históricos, descobertas, performances musicais, comédias de improviso, contação de histórias etc. Ao abordar a produção biblioteconômica a autora afirma que os *podcasts* feitos por bibliotecários abrangem uma gama vasta de assuntos que passa por temas como: futuro das bibliotecas, tecnologia, resenha de livros, documentos históricos, experiência dos usuários, entre outros.

O *podcast* pode favorecer a comunicação dos vários setores da sociedade, por exemplo: na divulgação de atividades locais e culturais de um bairro, na troca de informação entre os empresários e sua clientela, recados dos torcedores a respeito de times de futebol e demais esportes, nas orientações aos fiéis de diferentes igrejas e melhor aproximação entre escolas-professores-pais.

Dessa forma, os *podcasts*, entre outras atividades, podem ajudar os bibliotecários na comunicação entre a instituição e seus usuários, buscando solucionar problemas presentes na comunidade em que estão inseridos (Hennig, 2017).

A biblioteca, em seu conceito, não é apenas um acervo de livros, mas uma instituição que desenvolve e contextualiza novos conhecimentos. De forma análoga, os *podcasts* têm essa função, eles não são apenas arquivos de áudio, mas uma ferramenta que proporciona a discussão e desenvolvimento de novas ideias. Uma das primeiras experiências envolvendo *podcast* e bibliotecas foi em 2005 na biblioteca pública de South Huntington em Long Island, Nova Iorque, em que iPods eram emprestados contendo *podcast* já baixados neles (Thomas, 2019). Nesse caso, a biblioteca além de fornecer o dispositivo físico para audição do *podcast*, ela também faria uma curadoria dos *podcasts* a serem ouvidos pelos usuários. Evidentemente que essa atividade será exitosa caso o bibliotecário consulte áreas de interesse dos leitores para posteriormente baixar os *podcasts* nos aparelhos.

O serviço citado mostra que a biblioteca deixa de ser apenas uma entidade física, em que os usuários necessitam estar presencialmente em seu espaço.

As bibliotecas podem oferecer serviços de forma remota e contemplar as necessidades de informação dos seus usuários sem que eles precisem visitá-la fisicamente. *Podcasts*, nesse sentido, servem como mais um serviço de fornecimento de informação de forma *online* (Ralph; Olsen, 2007).

O futuro das instituições que trabalham com a informação está atrelado ao uso das novas tecnologias, uma vez que os números de usuários que utilizam mídias como os *podcast* vêm aumentando, alcançando os maiores índices de todos os tempos. Pode-se citar os dados dos norte-americanos, são 68 milhões (25% da população) que consomem *podcast* toda semana e 104 milhões todos os meses, o que representa 33% da população entre 13-52 anos. Os principais motivos para ouvi-los são: aprender coisas novas (74%) e ser uma fonte importante para o seu próprio desenvolvimento intelectual (68%). Dessa forma, os *podcasts* podem representar uma alternativa à mídia impressa, isso pode ter alguma relação entre o número decrescente de leitores nos EUA e as taxas crescentes de usuários que consomem informação e cultura por meio dos *podcasts* (Casares Jr.; Binkley, 2020).

O Brasil vem se destacando como o segundo maior consumidor de *podcast* no mundo, atrás apenas dos EUA. Segundo a pesquisa da Associação Brasileira de *Podcasters* (2020), estima-se que 34,6 milhões de brasileiros tenham ouvido *podcasts* em 2019. De acordo com a mesma pesquisa, o consumo é predominantemente por homens (72%), sua faixa etária média é de 28 anos e a maioria cursa ou já é formado no nível superior (61%). Assim como nos EUA, há uma relação entre *podcast* e indústrias correlatas, o hábito de ouvir programas em áudio favoreceu o aumento no consumo de audiolivros (Machado, 2020).

Dessa forma, o *podcast* se torna uma fonte alternativa e complementar ao livro e outros suportes informacionais na busca por informações. A área do jornalismo vem se aproveitando do potencial comunicacional dos *podcast* e seus profissionais vêm criando seus conteúdos de forma responsável considerando a “mediação qualificada” que traz conceitos como o dialogismo, denotando um esforço para além do apenas contar uma notícia, mas favorecendo o diálogo (Nickel; Oliveira; Kalsing, 2021).

*Podcasts* sempre foram considerados serviços a serem consumidos em ambientes de transporte, mas recentes estudos provam que o local onde há o maior consumo do serviço são os lares das pessoas. Outra mudança é que 70% dos

usuários focam a escuta do *podcast*, sem se dedicar simultaneamente a outra tarefa. Assim, o *podcast* vem deixando de ser um tipo de serviço prestado para completar lacunas no dia a dia das pessoas para se tornar um serviço importante de demanda de informações e cultura para as pessoas (Chan-Olmsted; Wang, 2020).

Para além de um recurso informacional ou de mero entretenimento, vislumbra-se o *podcast* como uma instância de mediação oral da informação. Muitos produtores de *podcasts* entendem sua posição de mediadores e assumem esse papel de forma consciente.

Para exemplificar como o *podcast* é utilizado como uma instância de mediação oral da informação, menciona-se os estudos de Santos Neto, Heitzmann e Bortolin (2020) e Feitosa e Miranda (2021), que tratam do *Podcast CImplifica*. No primeiro caso é reforçada a necessidade de discussão da mediação da informação nas mídias, especificamente nas que tratam da oralidade, uma vez que é impossível que os indivíduos estejam longe das mídias. No estudo de Feitosa e Miranda (2021), há uma discussão sobre as ações da mídia que levam a democratização da informação relacionando com a questão da desinformação no contexto das Humanidades Digitais.

Por esse entendimento ser recente, há poucos registros de estudos na CI, porém esse se mostra um terreno fértil para novas pesquisas relacionando a oralidade midiaticizada, como o *podcast*, com a realidade social atual. Nesse sentido, entende-se que o *podcast* é um importante recurso utilizado como instância mediadora. A seguir, são descritos os Procedimentos Metodológicos da presente dissertação.

## 5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa caracteriza-se por ser exploratória. Esse tipo de pesquisa se justifica quando o tema escolhido é pouco explorado e por ser a primeira etapa de uma investigação mais ampla (Deslandes; Gomes; Minayo, 2007). Segundo Gil (2008, p. 27), a pesquisa exploratória tem como finalidade “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores.” Elas apresentam menor rigidez no planejamento e se caracterizam por envolver levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não-padroneizadas e estudos de caso (Yin, 2001).

Segundo Yin (2001), as fontes de evidências para a coleta de dados podem vir de seis fontes distintas: documentos, registros em arquivos, entrevistas, observação direta, observação participante e artefatos físicos. Na pesquisa utiliza-se a coleta documental, que são os próprios *podcasts*. Esse tipo de coleta tem como pontos fortes ser: estável, discreta, exata e de ampla cobertura. E como pontos fracos: “capacidade de recuperação – pode ser baixa; seletividade tendenciosa, se a coleta não estiver completa; relato de visões tendenciosas – reflete as ideias preconcebidas (desconhecidas) do autor; acesso – pode ser deliberadamente negado” (Yin, 2001, p. 108).

Esta dissertação também é classificada como Pesquisa Qualitativa tendo em vista que os objetivos não podem ser respondidos a partir de dados quantitativos. Mesmo com o mapeamento do número de *podcast* e das publicações, a abordagem do trabalho permanece com enfoque qualitativo, uma vez que não se vislumbra quantificar estatisticamente esses dados.

A preocupação da pesquisa qualitativa está no aprofundamento da compreensão de determinado grupo social, organização, entre outros. A expressão pesquisa qualitativa permite referência:

a uma ampla gama de perspectivas, modalidades, abordagens, metodologias, desenhos e técnicas utilizadas no planejamento, condução e avaliação de estudos, indagações ou investigações interessadas em descrever, interpretar, compreender, entender ou superar situações sociais ou educacionais consideradas problemáticas pelos atores sociais que são seus protagonistas ou que, por alguma razão, eles têm interesse em abordar tais situações num sentido investigativo (Jacob, 1987; Jordan, 2018 *apud* González, 2020, p. 156).

Esse modelo se opõe à ideia de modelo único para todas as ciências, uma vez que as ciências sociais apresentam especificidades que pressupõem uma metodologia própria (Gerhardt; Silveira, 2009). A amostra analisada, seja ela pequena ou grande, tem por objetivo produzir novas informações aprofundadas e ilustrativas (Deslauriers, 1991, p. 58 *apud* Gerhardt; Silveira, 2009).

O processo metodológico foi estruturado em quatro etapas, a primeira compreende uma revisão de literatura que abordou em grande parte a produção internacional sobre a temática do *podcast* na área da CI. Além de artigos em português, foram buscados artigos em língua inglesa e espanhola nas principais bases de dados internacionais de CI.

A segunda etapa se refere a coleta de dados para a pesquisa nas três plataformas de streaming mais populares de consumo de *podcast*, a saber, *Spotify*, *Podcast Addict* e *Google Podcasts*. Cada plataforma tem suas ferramentas de buscas particulares, e não contam com filtros que refinam os resultados, dessa forma houve a pesquisa pelos termos “Ciência da Informação”, “Biblioteconomia”, “Arquivologia” e “Museologia”.

A terceira etapa consiste na análise dos programas a partir das descrições fornecidas pelas plataformas para verificar se são vinculados às universidades, aos departamentos ou grupo organizado de estudantes universitários. *Podcasts* que contam com nomes de departamentos, de programas de pós-graduação, projetos de extensão universitária que possuem siglas das universidades e/ou nomes de docentes em suas descrições foram consideradas iniciativas institucionais das universidades. Programas que têm em sua descrição indicativos de serem organizados somente por grupos de estudantes foram consideradas iniciativas de estudantes.

A partir dos resultados coletados, foram geradas planilhas (que são apresentadas no apêndice A que compilam os dados dos *podcasts* encontrados. Foram armazenados os dados de programas fornecidos pelas plataformas dos *podcasts* que têm alguma relação com a CI e que são vinculados, de alguma forma, às universidades. Os dados coletados foram: nome do programa, descrição do programa, data do primeiro e último episódio, quantidade de episódios, duração do programa com maior duração e de menor duração e *tags* (quando essa informação era disponibilizada).

Na quarta etapa foram selecionados dois Programas que possuem o maior número de episódios, considerando as duas classificações (iniciativas de universidades e iniciativas de estudantes) para que fossem analisados com base nas cinco dimensões da mediação da informação de Gomes (2014, 2020). Para tanto, foram analisadas as descrições e conteúdo dos episódios. Os resultados dessa investigação constam na seção 6.

## 6 RESULTADOS: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO

De acordo com o levantamento realizado pela Associação Brasileira de *Podcasters*, as três plataformas mais utilizadas para consumir *podcast* são *Spotify* (43%), *Podcast Addict* (9%) e *Google Podcasts* (9%). Para esta pesquisa foram analisados os resultados nessas três plataformas, utilizando, como informado anteriormente, os termos de busca “Ciência da informação”, “Biblioteconomia”, “Arquivologia” e “Museologia”.

Para determinar quais tipos de *podcasts* seriam analisados, os *podcasts* foram divididos como relacionados à área de CI sendo de iniciativas das universidades ou de iniciativas dos estudantes. No primeiro caso, é necessário o envolvimento de docentes dos departamentos ou mesmo do departamento em si, não necessitando a figura de um docente específico. No segundo caso, foram consideradas as iniciativas que partem de grupos de estudantes vinculados a algum departamento ou disciplinas dos cursos de graduação ou pós-graduação, não sendo consideradas iniciativas individuais dos estudantes.

Na plataforma *Spotify*, fazendo a busca com o termo “Ciência da Informação” foram recuperados seis *podcasts* que eram originários de iniciativas institucionais das universidades, entre eles:

- “Farol – conexões da informação” (UFRGS);
- “PODCI” (UFC);
- “Revista AtoZ” (UFPR);
- “Descomplicast” (UFPB);
- “Podcast LTI Digital” (UFBA);
- “Competência em informação instrumental” (UFAM).

Em relação às iniciativas de estudantes, foram encontrados quatro *podcasts*, que são:

- “CImplicifica” (UFPE);
- “Consciência e informação” (UFPB);
- “Biblioquê” (UFAM);
- “Hayaoteca” (USP).

Com o termo “Biblioteconomia” foram encontradas 11 iniciativas que partem de universidades, como:

- “PODCI” (UFC);
- “Panema Cultural” (UFF);
- “ECCOA – Arquivologia fora da caixa” (UFRGS);
- Competência em informação instrumental (UFAM);
- “Planejamento em unidades de informação” (UFPA);
- “Caminhos de Jampa” (UFPB);
- “Fontes de informação” (UFBA);
- “Fragmentos relatados” (UFMG);
- “Mediação da informação, características e dimensões” (UFBA);
- “Farol – conexões da informação” (UFRGS);
- “PET Biblioteconomia” (UFMA).

Já nas iniciativas de estudantes, foram recuperados os seguintes:

- “CImplifica” (UFPE);
- “Biblioquê” (UFAM);
- “Hayaoteca” (USP);
- “Cultura, Informação e Biblioteconomia” (FURG);
- “*Podcast* de Biblioteconomia” (UFRN);
- “Prancheta Fabicana” (UFRGS);
- “Cadernos 2 *Podcast*” (UFRGS);
- “Bianca Biblue” (UNIFAI);
- “Informação, comunicação e documento” (FURG);
- “Entrevista com Bibliotecário” (UFMA);
- “Sociologia: Émile Durkheim” (UFRGS);
- “Atividade de avaliação final do 2º bimestre da disciplina de informação, comunicação e documento” (FURG);
- “Luciano Vasconcelos” (FURG);
- “*Podcast* música de cinema” (USP-RP);
- “Buenas e me espalho” (Universidade de Caxias do Sul);
- “*Podcast* sobre o livro pequeno príncipe” (Universidade de Caixas do Sul);
- “Biblionautas” (UDESC).

Em relação ao termo “Arquivologia” foram recuperadas quatro iniciativas que partem de universidades:

- “Farol – conexões da informação” (UFRGS);
- “Panema Cultural” (UFF);
- “ECCOA – Arquivologia fora da caixa” (UFRGS);
- “Difundindo Arquivos: revelando memórias e narrando histórias” (UFPA).

Sobre as iniciativas de estudantes foram encontrados dois *podcasts*:

- “CImplifica” (UFPE);
- “1573011 *Podcast*” (SENAC BAHIA).

No termo “Museologia” foram encontradas três referências de iniciativas institucionais:

- “Farol – conexões da informação” (UFRGS);
- “Museológicas *Podcast*” (UFPE);
- “Radio Fabico” (UFRGS).

E sobre as iniciativas de estudantes foram encontrados dois resultados:

- “CImplifica” (UFPE);
- “Musealiza BH” (UFMG).

Compilando os termos de busca, com a iniciativa de produção dos Programas e com a totalização dos resultados da plataforma *Spotify*, os resultados constam na Tabela 1.

**Tabela 1 - Número de *podcasts* recuperados na plataforma *Spotify***

Plataforma	Termo de busca	Iniciativa	Resultados
<i>Spotify</i>	“Ciência da informação”	das universidades	06
		dos estudantes	04
	“Biblioteconomia”	das universidades	11
		dos estudantes	18
	“Arquivologia”	das universidades	04
		dos estudantes	02
	“Museologia”	das universidades	03
		dos estudantes	02

Fonte: Resultados da pesquisa (2022).

Na plataforma *Podcast Addict*, com o termo de busca “Ciência da Informação” foi recuperado apenas um *podcast* de iniciativa da universidade:

- “Farol – conexões da informação” (UFRGS).

Com o termo “Biblioteconomia” foram recuperados dois *podcasts* de iniciativa de universidades:

- “ECCOA – Arquivologia fora da caixa” (UFRGS);

- “Farol – conexões da informação” (UFRGS).

Em relação às iniciativas de estudantes, foram encontrados três *podcasts*:

- “CImplifica” (UFPE);
- “Cadernos 2 *podcast*” (UFRGS);
- “Biblioquê?” (UFAM).

Buscando pelo termo “Arquivologia” foram encontrados dois *podcast* de iniciativa de universidades:

- “ECCOA – Arquivologia fora da caixa” (UFRGS);
- “Farol – conexões da informação” (UFRGS).

E em iniciativas de estudantes foi recuperado apenas um resultado:

- “CImplifica” (UFPE).

Com o termo “Museologia” foi encontrado uma referência de iniciativas de universidade.

- “Farol – conexões da informação” (UFRGS).

Ainda com o termo “Museologia” foi encontrado um *podcast* de iniciativa de estudantes:

- “CImplifica” (UFPE).

Na plataforma *Podcast Addict*, a compilação dos termos de busca, com a iniciativa de produção dos Programas e com a totalização dos resultados que constam na Tabela 2.

**Tabela 2 - Número de *podcasts* recuperados na plataforma *Podcast Addict***

Plataforma	Termo de busca	Iniciativa	Resultados
<i>Podcast Addict</i>	“Ciência da informação”	das universidades	01
		dos estudantes	00
	“Biblioteconomia”	das universidades	02
		dos estudantes	03
	“Arquivologia”	das universidades	02
		dos estudantes	01
	“Museologia”	das universidades	01
		dos estudantes	01

Fonte: Resultados da pesquisa (2022).

Na plataforma *Google Podcast*, utilizando o termo “Ciência da Informação” foram encontrados cinco resultados de *podcasts* fruto de iniciativas de universidades, são eles:

- “Farol – conexões da informação” (UFRGS);
- “Revista AtoZ” (UFPR);
- “Descomplicast” (UFPB);
- “Projeto rede Mediar” (UFBA);
- “Rádio Janela” (UFMG).

Os resultados de iniciativas de estudantes foram dois:

- “CImplifica” (UFPE);
- “Biblioquê?” (UFAM).

Utilizando o termo “Biblioteconomia” foram seis *podcast* encontrados de iniciativas de universidades:

- “Competência em informação instrumental” (UFAM);
- “Fontes de informação” (UFBA);
- “Fragmentos relatados” (UFMG);
- “Entrevista com bibliotecário” (UFMA);
- “Mediação da informação, características e dimensões” (UFBA);
- “Plurissaberes” (UFC).

Em relação às iniciativas de estudantes, foram encontrados seis *podcasts*:

- “Biblioquê?” (UFAM);
- “Cultura, informação e Biblioteconomia” (FURG);
- “*Podcast* de Biblioteconomia” (UFRN);
- “Prancheta Fabicana” (UFRGS);
- “CImplifica” (UFPE);
- “Bibliotenautas” (UDESC).

Buscando pelo termo “Arquivologia” houve a recuperação de dois *podcasts* de iniciativa das universidades:

- “ECCOA – Arquivologia fora da Caixa” (UFRGS);
- “Difundindo arquivos: revelando memórias e narrando histórias” (UFPA).

Em relação às iniciativas de estudantes, apenas um resultado:

- “CImplifica” (UFPE).

Com a busca pelo termo “Museologia” foi recuperado um *podcast* de iniciativa de universidade:

- “Farol – conexões da informação” (UFRGS).

E na busca pelo termo “Museologia” apenas um *podcast* de iniciativa de estudantes:

- “CImplifica” (UFPE).

Na plataforma *Google Podcast*, a compilação dos termos de busca, com a iniciativa de produção dos Programas e com a totalização dos resultados, conforme o Tabela 3:

**Tabela 3 - Número de *podcasts* recuperados na plataforma *Google Podcasts***

Plataforma	Termo de busca	Iniciativa	Resultados
<i>Google Podcasts</i>	“Ciência da informação”	das universidades	05
		dos estudantes	02
	“Biblioteconomia”	das universidades	06
		dos estudantes	06
	“Arquivologia”	das universidades	02
		dos estudantes	01
	“Museologia”	das universidades	01
		dos estudantes	01

Fonte: Resultados da pesquisa (2022).

Em relação aos Programas que surgem por iniciativa das universidades, a Tabela 4 compila as datas dos primeiros e últimos episódios de cada Programa e seu número total de episódios produzidos até julho de 2022.

**Tabela 4 - Número de *podcasts* produzidos por iniciativas de universidades**

PODCAST	PRIMEIRO EPISÓDIO	ÚLTIMO EPISÓDIO	NÚMERO DE EPISÓDIOS
<b>Museológicas <i>podcast</i></b>	<b>jun./20</b>	<b>jul./22</b>	<b>140</b>
Plurissaberes	ago./19	jun./22	86
ECCOA - Arquivologia fora da caixa	out./20	jul./22	67
Farol - conexões da informação	maio/20	jul./22	63
Radio janela	maio/20	abr./22	57

Revista AtoZ	jul./21	jul./22	31
Radio Fabico	jan./22	mai./22	15
Descomplicast	nov./20	abr./22	14
Panema Cultural	dez./21	jul./22	11
Competência em informação instrumental	set./20	maio/21	10
Fragmentos Relatados	dez./20	mar./21	09
Podcast LTI Digital	dez./20	mar./21	06
Caminhos de Jampa	maio/22	maio/22	02
Fontes de Informação	jan./21	jan./21	02
Difundindo arquivos: Revelando memórias e narrando histórias	jul./21	dez./21	02
Projeto rede Mediar	abr./21	ago./21	02
PODCI	jun./22	jul./22	02
Mediação da informação, características e dimensões	jun./21	jun./21	01
PET Biblioteconomia UFMA (PET biblioteconomia)	jul./22	jul./22	01
Planejamento em unidades de informação	jan./22	jan./22	01

Fonte: Resultados da pesquisa (2022).

A partir dos dados compilados na tabela 4, pode-se inferir que os *podcasts*, de iniciativa de universidades, que possuem mais episódios são os que permanecem ativos (considerando ativos aqueles que publicaram episódios até três meses antes desta pesquisa, no caso até abril de 2022). Em relação aos *podcasts* de iniciativa de estudantes, apenas três demonstram continuidade, inclusive são os que apresentam o maior número de episódios publicados.

Em relação à Tabela 5, são compiladas as datas dos primeiros e últimos episódios dos Programas que têm iniciativa de produção por parte de estudantes.

**Tabela 5 - Número de *podcasts* produzidos por iniciativas de estudantes**

<b>PODCAST</b>	<b>PRIMEIRO EPISÓDIO</b>	<b>ÚLTIMO EPISÓDIO</b>	<b>NÚMERO DE EPISÓDIOS</b>
<b>Prancheta Fabicana</b>	<b>mar./21</b>	<b>maio/22</b>	<b>83</b>
Cadernos 2 <i>podcast</i>	set./20	jun./22	75
Bibliquê?	jan./20	jun./22	32
CImplifica	mar./19	set./21	28
Consciência e informação	set./21	dez./21	06
Hayaoteca	jun./22	jul./22	06
Podcast Música de cinema	jul./21	jul./21	06
Biblionautas	set./20	dez./20	03
Bianca Biblue	mar./21	jun./21	03
1573011 <i>Podcast</i>	jun./20	jun./20	03

Informação, comunicação e documento	set./21	abr./22	02
Sociologia: Émile Durkheim	jul./21	jul./21	02
Atividade de avaliação final do 2º bimestre da disciplina de informação, comunicação e documento	set./21	set./21	02
Luciano Vasconcelos	maio/21	set./21	02
Podcast sobre o livro o pequeno príncipe - alunas Sabrina e Bianca	maio/22	maio/22	02
Cultura, Informação e Biblioteconomia	dez./20	dez./20	01
Podcast de Biblioteconomia	set./21	set./21	01
Entrevista com Bibliotecário	ago./21	ago./21	01
Buenas e me espalho	jun./22	jun./22	01
Musealiza BH	fev./22	fev./22	01

Fonte: Resultados da pesquisa (2022).

Após a análise das duas últimas tabelas, é possível verificar que há um número maior de Programas de *podcast* descontinuados produzidos por estudantes do que os produzidos pelas universidades. Para estudar os motivos desse fato são necessárias novas pesquisas, mas é possível levantar algumas hipóteses, como o fato de as universidades possuírem maior estrutura técnica e de recursos humanos para a produção (geração de conteúdo e edição), os Programas podem fazer parte do planejamento dos departamentos das universidades como serviços consolidados, maior planejamento antes da estreia do Programa, entre outros. E como foi constatado no caso do Programa *Museológica Podcast*, pode haver apoio de agências estaduais de fomento, como a Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE).

Em relação a busca, destaca-se a dificuldade de fazer as pesquisas utilizando os termos selecionados. Não há nas plataformas filtros que refinem os resultados, então o sistema de busca tende a trazer respostas que não são precisas, como na busca por “Ciência da Informação” em que os resultados eram associados com qualquer menção à “ciência” e/ou a “informação” nos títulos e/ou descrições, o que gerou muitos resultados que não correspondiam ao interesse desta pesquisa.

Outro fator que poderia facilitar a recuperação de Programas de interesse da pesquisa seria a possibilidade de recuperar os Programas por meio de assuntos, ou no caso das plataformas por meio das *tags*, porém a única plataforma que apresenta esse recurso é o *Spotify*. O que foi percebido é que poucos Programas utilizam dessa ferramenta, e no caso dos que usam esse recurso, empregam termos genéricos como “sociedade”, “cultura”, “livros” o que não torna necessariamente a

pesquisa mais precisa. Uma forma pela qual se poderia amenizar esse obstáculo é o aprimoramento de descrições e das indexações pelos responsáveis pela publicação dos Programas, buscando entender as formas pelas quais o usuário tenderá a buscar os Programas.

Até o momento reconhece-se como necessária uma forma alternativa de divulgação dos *podcast* para além da ferramenta de busca das plataformas. Para um maior alcance dos Programas é necessário o incentivo na elaboração de listas periódicas com os Programas por sites especializados da área de CI, divulgação em redes sociais das instituições informacionais, divulgação por meio de relatos de experiência em periódicos, parceria com outras instituições etc.

A próxima etapa da pesquisa foi aprofundar as discussões sobre mediação oral da informação, analisar de forma mais intensa as relações entre *podcast* e mediação da informação e analisar o conteúdo dos *podcast*. Como base para a análise utilizou-se a fundamentação teórica das cinco dimensões da mediação da informação de Gomes (2014, 2020).

Partindo para a análise dos dois *podcasts* com o maior número de episódios publicados com base nas 5 dimensões da mediação, inicia-se pelo *podcast Prancheta Fabicana* e, na sequência, o *Museológicas Podcast*.

### 6.1 O *Podcast* “Prancheta Fabicana”

O nome do *podcast* retoma o próprio nome da faculdade “FABICO” (Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação) da UFRGS, que é composta por sete cursos de graduação: Arquivologia, Biblioteconomia, Biblioteconomia EAD, Jornalismo, Museologia, Publicidade & Propaganda e Relações Públicas. O termo *prancheta*, por sua vez, faz menção a ideia de tática no futebol, como uma forma didática de explicar a informação aos jogadores. O Programa não aborda diretamente assuntos relacionados à CI, mas constituiu o corpus de análise por corresponder aos critérios de busca da metodologia, nesse caso um Programa produzido por estudantes da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS.<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> Recuperado pelo termo “biblioteconomia” nas plataformas de streaming.

**Figura 1 - Imagem de divulgação do Programa "Prancheta Fabricana"**



Fonte: Spotify (2023) - <https://open.Spotify.com/show/3cp64vBnkOd9WuQnhg0dMR>

O *Prancheta Fabricana* surge em março de 2021, no contexto da pandemia de Covid-19 e com uma produção muito intensa no início, sendo mais de um episódio por semana até meados de 2022 (neste período foram publicados 83 episódios). A partir de maio de 2022, a publicação de episódios diminuiu (de junho até dezembro de 2022 foram publicados sete novos episódios, e não há publicação de novos episódios desde dezembro de 2022). No *Twitter* do Programa foi possível verificar que a equipe é composta por 14 integrantes<sup>13</sup>.

A proposta do Programa não permite uma interação imediata do público para contribuir com as análises esportivas, esse tipo de informação é fornecido primordialmente pelos analistas que compõem o Programa e convidados, que eventualmente são recebidos, especialmente nos temas que não são relacionados a futebol. Percebe-se que o *podcast* apresenta uma dialogia que ocorre de forma não instantânea. Dessa forma, identifica-se que a dimensão dialógica é alcançada quando os produtores do Programa consideram o seu leitor-ouvinte na escolha das pautas e temas e no modo como conduzem a ação mediadora.

Compreende-se também que a dimensão estética começa a ser alcançada pelo Programa, a partir do momento que há o cuidado com o outro, desenvolvendo-se o sentimento do belo e do prazer ao ouvir o *podcast*, ao aprender algo novo com o *podcast* (Gomes, 2014, 2020).

---

<sup>13</sup> Postagem do dia 21 de agosto de 2021 no site <https://twitter.com/pranchetafabico/status/1425154362985357324/photo/1>.

A dimensão estética pode ser pensada como já citado, remetendo um conforto emocional, que ocorre quando o indivíduo é acolhido de maneira plena para que ele possa participar do processo de construção do conhecimento de forma conjunta aos produtores do Programa. Esta dimensão, por sua vez, manifesta-se como uma situação individual e exclusiva do sujeito, que durante ou após o consumo do Programa gera uma desestabilização de seu capital de conhecimentos e a consequente problematização, para recriar um novo conhecimento (Gomes, 2014, 2020).

Por outro lado, a dimensão estética pode ser pensada pela questão da ambiência, que também favorece o conforto emocional que possibilita a interpelação, liberdade de pensamento e questionamento. Em relação a ambiência do Programa, ela pode ser analisada levando em conta a sua estrutura técnica do *Podcast*, verificando elementos da gravação do mesmo.

Um exemplo de estudo que analisou a parte técnica de produção de um *podcast*, está relatado no artigo publicado por Santos Neto, Heitzmann e Bortolin (2020) sobre o *podcast* CImplifica. Os autores citam que as gravações foram feitas em sua maioria com qualidade razoável, porque mesmo com o uso de microfones e notebooks, os episódios eram gravados ao vivo, e que ruídos e oscilação no volume das entrevistas poderiam ser percebidos nos áudios. A sonoplastia, presente na forma de vinhetas, aplausos, risadas etc. era usada de forma moderada, focando mesmo no conteúdo das entrevistas.

Assim como no caso das gravações do CImplifica, o *Prancheta Fabicana*, em alguns momentos, tem os áudios com oscilações de volume nas vozes, mas não significa perda no desenvolvimento da narrativa. Por ser um *podcast* do Rio Grande do Sul, muitas vezes são usados dialetos locais, que podem representar uma barreira aos diferentes públicos, mas por outro lado pode aproximar quem se identifica com esse tipo de linguagem.

Considerando que a dimensão formativa pressupõe o conflito cognitivo decorrente do contato com novas informações e a partir de debates e problematizações se consolida a apropriação da informação (Gomes, 2014, 2020), ela é alcançada no consumo do Programa, isto é, no contato do leitor-ouvinte com o episódio. Após o contato com conteúdo, pode-se gerar inquietações, questionamentos nos indivíduos e com isso haver uma reconstrução do seu conhecimento, favorecendo

o alcance à dimensão formativa.

A dimensão ética representa um eixo articulador das demais dimensões e dessa forma o diálogo entre as partes deve ser ampliado favorecendo a escuta e observação sensíveis. Ela pressupõe que a relação entre ouvinte e mediador seja intensa e que se favoreça o fortalecimento do protagonismo social, por meio da formação crítica e consciente do mediador (Gomes, 2014, 2020). Também se depreende que, pelo fato de o Programa demonstrar respeito à alteridade, conjuntamente com o alcance das três dimensões da mediação da informação anteriores, há o alcance da dimensão ética.

E por fim, a dimensão política, que representa o alcance de todas as demais dimensões e que consiste na manifestação dos indivíduos como seres políticos e cientes dessa condição. Nesse sentido, o Programa tem o cuidado de abordar o esporte de forma a respeitar os diversos públicos, inclusive estabelecendo relações dele com a pandemia, tratando de temas inclusivos, como paraolimpíadas e campeonatos de futebol feminino (indo além do futebol masculino - que é predominante nos canais de mídia). A dimensão política vai além da noção de individualidade, trazendo o papel social coletivo da mediação da informação. Assim, compreende-se que o Programa alcança a dimensão política da mediação da informação.

Abaixo compilou-se em uma figura as cinco dimensões da mediação da informação e focou-se no principal atributo de cada dimensão que pôde ser analisado no *podcast* Prancheta Fabicana.

**Figura 2 - Principal atributo do *podcast* Prancheta Fabricana em cada dimensão da mediação da informação**



Fonte: Autoria própria (2023).

A figura busca demonstrar que não existe uma relação sequencial entre as dimensões, tampouco elas ocorrem de maneira estanque. Apesar de assumir-se sempre uma ordem das dimensões na elaboração do texto, considera-se que o alcance das mesmas ocorre de forma transversalizada, levando-se em consideração a dinâmica entre as dimensões<sup>14</sup>.

## 6.2 O *Podcast "Museológicas Podcast"*

O segundo caso analisado é o Programa *Museológicas Podcast*, que faz parte de um Projeto de Extensão produzido por estudantes e professores do departamento de Antropologia e Museologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), que conta com participação dos laboratórios de Expografia (Expolab), de Estudos Avançados em Cultura Contemporânea (LEC) e de Multimídia; do Observatório de Museus e Patrimônio; e por dois grupos de pesquisa: *Museológicas* e *Curupiras*. Além disso, recebe fomento da FACEPE. A importância de fomento em projetos como o de *podcasts* vai além da aquisição de estrutura técnica para a

<sup>14</sup> Guattari (1981) considera que a transversalidade contempla a ampliação da comunicação entre os distintos níveis e distintos sentidos das múltiplas forças que atravessam e compõem os processos.

produção, ele é fundamental para a continuidade do Programa ao longo do tempo.

**Figura 3 - Imagem de divulgação do Programa "Museológicas Podcast"**



Fonte: Spotify (2023) - <https://open.Spotify.com/show/0ufROTuLYEA5Qmd5hMJfZy>.

O Programa surge em abril de 2019, e próprio nome é derivado de um dos grupos que o organiza, e retoma a ideia de que as discussões resgatem temas abordados no âmbito da Museologia. Com a análise do *podcast*, percebe-se em seus episódios que há uma grande variedade de temas debatidos. Sua produção se mantém até a coleta de dados desta pesquisa, contando com episódio recém-publicado (21 de março de 2023), contabilizando até o momento de realização desta pesquisa 147 episódios.

O *Museológicas Podcast* não possui apresentadores fixos, ele conta com várias pessoas que participam da produção e apresentação. Sob o ponto de vista da dimensão dialógica, essa alternância entre os produtores favorece a participação de mais indivíduos, que podem contribuir de forma plural na construção do conteúdo. Além disso, muitos episódios recebem convidados externos à comunidade da UFPE, fazendo que a troca de informações seja ainda mais rica. Essas trocas podem ser observadas nas discussões que existem entre museólogos e outros profissionais da área de Humanidades, que são convidados a participar do Programa.

Como é possível perceber, diante do alcance da dimensão dialógica da mediação da informação, se torna possível alcançar a dimensão estética da mediação. Ela é alcançada pois os indivíduos sentem-se confortáveis para participar das trocas proporcionadas pelo Programa, chegando-se ao processo de problematização e reconstrução do capital intelectual, gerando um prazer estético (Gomes, 2014, 2020).

Outro ponto importante relacionado a dimensão estética à ambiência, é o fato de o Programa conseguir entregar episódios com gravações de qualidade das vozes dos participantes, sonoplastia com mais interações, boas vinhetas. Ainda sobre a ambiência, é possível citar a divisão dos episódios em séries, que torna o Programa mais fluído para o ouvinte, facilitando a busca pelos assuntos que lhes são mais atrativos, assim como possibilita o aprofundamento de temas relevantes pelos produtores, como as séries *Linhas Cruzadas*, que trata de Arquivos, Memória e História e a série *Quem cuida de mim?*, que aborda a questão de mulheres negras da área de saúde no contexto da pandemia de Covid-19.

As discussões levantadas no *Museológicas Podcast* frequentemente abordam temas relevantes aos cursos relacionados à CI, e com isso existem discussões teóricas sobre autores vinculados à área de Museologia, como Henry Pierre-Jeudy, mas também há interlocuções com autores relevantes de outras áreas do conhecimento, como os pesquisadores da obra de Paulo Freire. Assim, pela ampliação dos debates e da criticidade, a problematização se intensifica e aliado ao alcance intenso das dimensões formativa e estética, a dimensão formativa se faz presente.

Percebe-se que os participantes do *Podcast* sabem da responsabilidade da mediação da universidade por meio de seus projetos de extensão em alcançar a sua comunidade, e com isso gerar conhecimento e favorecer o desenvolvimento social (Gomes, 2014, 2020). Dessa forma, a dimensão ética é alcançada.

Com o pleno alcance das quatro dimensões citadas, a dimensão política é atingida. Nela os indivíduos envolvidos na mediação se entendem como sujeitos políticos e assumem sua posição de protagonismo social, e entendem que não há neutralidade nas ações (Gomes, 2014, 2020). Nos debates e entrevistas são abordados temas relativos a LGBTfobia, racismo, religiosidade, direitos de povos originários, manifestações culturais populares, políticas públicas de cultura, demonstrando que os interesses da coletividade se sobrepõem aos interesses individuais. Na figura 4 apresenta-se a compilação do principal atributo de cada dimensão da mediação da informação do *podcast Museológicas Podcast*.

**Figura 4 - Principal atributo do *podcast* em cada dimensão da mediação da informação**



Fonte: Autoria própria (2023).

Com a análise proporcionada pela relação entre os aspectos dos Programas de *podcast* com as dimensões da mediação da informação, consolida-se a ideia inicial da pesquisa de que esse tipo de ferramenta comunicacional, que envolve a oralidade, é um potente instrumento que favorece a mediação oral da informação e traz, conseqüentemente, responsabilidades aos seus produtores, do ponto de vista da mediação consciente da informação, conforme defende Gomes (2019).

A partir do momento que se identificou o alcance das dimensões da mediação informação nos Programas analisados, pode-se afirmar que estes, e possivelmente tantos outros *podcasts*, extrapolem a categoria de recurso informacional e/ou entretenimento e materializam-se como verdadeiras instâncias de mediação oral da informação. E também abre a possibilidade de análise das mediações nas situações em que as interações não são síncronas, entre as partes envolvidas na ação.

A presente análise não teve o foco de ouvir e categorizar os episódios e seus conteúdos, mas investigar como ocorre a mediação oral da informação em *podcasts* sob a ótica da fundamentação teórico conceitual de Gomes (2014, 2020) quanto as dimensões da mediação da informação. Assim feito, a seguir, são apresentadas as considerações finais da pesquisa.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como problema de pesquisa entender a forma pela qual a mediação oral da informação se desenvolve em ambientes digitais. E como objetivo geral buscou-se analisar como essa mediação ocorre, com foco na incidência de *podcasts* na CI, e as iniciativas brasileiras vinculadas ao campo da CI.

Para que esse objetivo geral fosse alcançado, foram estabelecidos objetivos específicos, que são aqui retomados e explicados em relação ao seu alcance. Discutiu-se aspectos conceituais e teóricos relacionados ao desenvolvimento de *podcasts*, no contexto nacional e internacional, por meio de extensa busca em diversas bases de dados, notícias, associações etc.

Foram identificados os *podcasts* na área de CI e sua vinculação à cursos e escolas do campo da CI, no entanto, esbarrou-se em um grande desafio, pois na busca pelos Programas em plataformas de *streaming* não há filtros que facilitam a busca por termos exatos, como busca por nomes, assuntos, autores etc., o que gerou uma busca exaustiva, sendo analisado item por item para contemplar o foco da pesquisa. Essa pesquisa extensiva gerou um banco de dados, que está compilado na dissertação<sup>15</sup>, e representa um retrato do momento atual na produção de Programas de *podcasts* vinculadas a área de CI. Esses dados são importantes para estudos futuros uma vez que as plataformas de *streaming* podem não abrigar esses Programas futuramente, ou pelo fato da contínua publicação de novos Programas nas plataformas, pode fazer com que os Programas mais antigos e descontinuados fiquem “perdidos” dentro das plataformas.

Por fim, os *podcast* foram analisados como instância mediadora oral da informação a partir das dimensões da mediação da informação. Este último objetivo foi contemplado pela análise dos conteúdos e informações de descrição de dois *podcasts*, fundamentada na contribuição teórica de Gomes (2014, 2020). Essa análise permitiu responder a questão inicial de forma satisfatória evidenciando que o *podcast* pode ser considerado como uma instância mediadora oral da informação, pois nos dois Programas analisados, as cinco dimensões da mediação da informação estavam presentes, mesmo que não plenamente alcançada em alguns momentos.

---

<sup>15</sup> Os dados coletados estão expostos no apêndice A desta dissertação.

Considera-se que as dimensões dialógica, estética e formativa manifestam-se mais facilmente em relação às dimensões ética e política nos *podcasts*, uma vez que essas dependem do envolvimento mais intenso dos mediadores, como seres que favorecem a escuta e observação sensível, e em alguns casos, pela oralidade ser mediatizada, as trocas não são imediatas. No entanto, vislumbra-se que os *podcasts* são campo fértil para o alcance de todas as dimensões da mediação da informação.

A emergência de dispositivos que potencializam o uso de recursos de áudio faz com que um maior número de pessoas seja impactado pela produção de conteúdo relacionado a informação e entretenimento. Mas esse tipo de interação pela oralidade mediatizada pode aumentar o desafio da captação da totalidade do fenômeno da voz pelos indivíduos, considerando todos os fatores discutidos por Gumbrecht e Zumthor.

A grande diferença proporcionada pela oralidade mediatizada em relação a oralidade “convencional” é o fato de a produção do conteúdo estar distanciado do tempo de consumo, criando novas possibilidades em relação a propagação dessa informação e dando margem para que a voz tenha maior mobilidade espacial e temporal.

Todas as pessoas são mediadoras orais da informação em potencial, uma vez que, a comunicação geralmente se dá pela oralidade, seja lendo um texto ou contando uma história, ou mesmo nossa história. A difusão dessas informações tem uma intencionalidade, e de acordo com o interlocutor, ambiente e performance essa informação será compreendida e ressignificada de determinada forma, e provavelmente não será da mesma forma em uma outra oportunidade, mesmo sendo a história contada anteriormente.

O presente trabalho não buscou esgotar as discussões sobre o assunto, pelo contrário, pretendeu-se fomentar o diálogo entre a mediação da informação com novas ferramentas tecnológicas e verificar qual o papel delas no contexto atual de ambientes digitais de consumo de informação. Entre os desafios da área está a necessidade de desenvolver mais estudos sobre *podcast* como um instrumento de mediação oral em ambientes digitais, ou como objeto de investigação a partir de outras perspectivas, pois sua relevância se justifica dado ao crescente consumo desse tipo de mídia, especialmente no Brasil, que possui a segunda maior

população consumidora de *podcasts*, e sua produção científica, se comparada com a produção internacional, é ainda incipiente.

Outras possibilidades para estudos futuros compreendem em analisar as formas pelas quais os leitores-ouvintes recebem e se apropriam da oralidade vinda dos *podcast*, e isso pode ser analisado por meio de critérios que envolvem a produção técnica dos Programas, por meio de gravações, sonoplastia, recursos, formatos etc. Convém ainda analisar o conteúdo dos Programas, verificando o tipo de informação (entretenimento, informação científica, formação etc.) e também se alcançam os propósitos de seus produtores. Além disso, pesquisar com os leitores-ouvintes se eles consideram o *podcast* apenas um recurso informacional e/ou de entretenimento ou instância que medeia informação e que transforma seu arcabouço de conhecimentos.

Considera-se que mais estudos como este são necessários para que a discussão sobre a mediação oral da informação seja ampliada não só na pós-graduação, mas que também seja um tema trabalhado nos cursos de graduação em CI, mesmo sendo um assunto integrante de disciplinas de mediação da informação. Sua relevância se mostra nas interações sociais do dia a dia, em que a oralidade é inescapável.

Conclui-se que os *podcasts* vão além dos objetivos escritos em suas descrições nas plataformas de *streaming*, eles devem ser considerados como imprescindíveis instâncias mediadoras da informação, e que podem servir de subsídio para muitos estudos que analisam a oralidade em forma mediatizada. A evolução nas TDIC traz mudanças nas formas de transmissão de informação e conhecimento pela sociedade e, com isso, a necessidade de acompanhar essas transformações.

## REFERÊNCIAS

- AHLGREN, M. **Mais de 100 estatísticas, fatos e tendências da internet para 2023**. Sunshine Coast, Austrália: s.n., 2023. Disponível em: <https://www.websiterating.com/pt/research/internet-statistics-facts/>. Acesso em: 14 mar. 2023.
- ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Pesq. bras. Ci. Inf.**, Brasília, v.2, n.1, p.89-103, jan./dez. 2009. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/119300>. Acesso em: 20 jan. 2022.
- ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Mediação da informação: um conceito atualizado. *In*: BORTOLIN, S.; SANTOS NETO, J. A. dos; SILVA, R. J. da (org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: ABECIN, 2015. p. 9-32.
- ARANTES, F. M. *et al.* O comportamento informacional nos canais informais de comunicação por meio da oralidade. **Encontros Bibli**, v. 18, n. 37, p. 265-282, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2013v18n37p265>. Acesso em: 20 jul. 2022.
- ARANTES, F. M. **Uso da oralidade na mediatização dos websites de bibliotecas públicas**. Orientadora: Sueli Bortolin. 2014. 108f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.
- ARANTES, F.M. Oralidade Mediatizada e Mediatização. *In*: BORTOLIN, S.; SANTOS NETO, J. A. dos; SILVA, R. J. da (org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: ABECIN, 2015. p. 185-204.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE *PODCASTERS*. PodPesquisa 2019. [S.l], 2020. Disponível em: <https://abpod.org/wp-content/uploads/2020/12/Podpesquisa-2019-Resultados.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2021.
- BERK, J.; OLSEN, S.; ATKINSON, J.; COMERFORD, J. Innovation in a podshell: bringing information literacy into the world of podcasting. **The Electronic Library**, Bingley, WA, v.25, n.4, p. 409-419, 2007. Disponível em: [10.1108/02640470710779826](https://doi.org/10.1108/02640470710779826). Acesso em: 10 maio 2022.
- BORTOLIN, S. **Mediação Oral da Literatura: a voz dos bibliotecários lendo ou narrando**. Orientador: Oswaldo Francisco de Almeida Júnior. 2010. 232 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2010. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/bortolinsdomar.pdf> . Acesso em: 20 mar. 2022.
- BORTOLIN, S.; ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Mediação oral da literatura: algumas palavras. *In*: VALETIM, M. L. P. (org.). **Gestão, mediação e uso da informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 85-102. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11449/110767>. Acesso em: 15 dez. 2022.

BORTOLIN, S.; SANTOS NETO, J. A. dos. Mediação oral da informação: a visibilidade dos mediadores da Ciência da Informação. *In*: BORTOLIN, S.; SANTOS NETO, J. A. dos; SILVA, R. J. da (org.). **Mediação Oral da Informação e da Leitura**. Londrina: Abecin, 2015. p. 33-58.

BORTOLIN, S.; SANTOS NETO, J. A. dos. Mediação oral da informação da literatura em ambiente digital. *In*: SANTOS NETO, J. A. dos; ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de; BORTOLIN, S. (org.). **Perspectivas em mediação no âmbito da Ciência da Informação**. Londrina: Abecin, 2020. p. 496-521. Disponível em: <https://portal.abecin.org.br/editora/article/view/226>. Acesso em: 15 mar. 2022.

BOTELHO, M. F. C.; GOMES, H. F. A representação temática e descritiva na perspectiva da mediação da informação. *In*: Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ENANCIB), 27., 2016, Salvador. **Anais [...]** Salvador: ANCIB/UFBA, 2016. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/190601>. Acesso em: 20 out. 2022.

BRAGA, J. L. Circuitos versus campos sociais. *In*: **Mediação & Miatização / JANOTTI JÚNIOR, J., MATTOS, M. A.; JACKS, N. (Org.)**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2012.

CASARES, D. R; BINKLEY, E.E. Podcasts as an evolution of Bibliotherapy. **Journal of Mental Health Counseling**, Londres, v.43, n.1, p 19-39, 2020. Disponível em: <https://meridian.allenpress.com/jmhc/article-abstract/43/1/19/450298/Podcast-s-as-an-Evolution-of-Bibliotherapy?redirectedFrom=fulltext> . Acesso em: 22 maio 2022.

CASTELLS, M. **A galáxia da Internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

CHAN-OLMSTED, S; WANG, R. Understanding podcast users: Consumption motives and behaviors. **New media & Society**, [S.l.], oct. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1461444820963776>. Acesso em: 20 abr. 2022.

COOK-GUMPERZ, J.; GUMPERZ, J. From oral to written culture: the transition to literacy. *In*: WHITEMAN, M. F. **Varition in writing**: functional and linguistic-cultural differences. Hillsdale: Erlbaum, 1981. p.89-109.

CROPANZANO, R.; MITCHELL, M. S. Social Exchange Theory: An Interdisciplinary Review. **Journal of Management**, [S.l.], v.31, n.6, p. 874-900, dez.2005. Disponível em: [journals.sagepub.com/doi/10.1177/0149206305279602](https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0149206305279602). Acesso em: 15 abr. 2022.

DARNTON, R. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

DAVALLON, J. A mediação: a comunicação em processo? **Prisma.com (Portugal)**, Porto, n. 4, p. 4-37, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/61109>. Acesso em: 24 ago. 2022.

DESLANDES, S. F.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social**: Teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

DESLAURIERS, J-P. **Recherche qualitative**: guide pratique. Québec: McGrawHill, 1991.

FEITOSA, A. C. O.; MIRANDA, M. K. F. O. Neodocumentação e humanidades digitais: o *podcast* CImplifica no cenário contemporâneo de informação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v.17, 2021. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1700>. Acesso em 18 abr. 2022.

FERNEDA, E.; LANZI, L. A. C.; VIDOTTI, S. A. B. G. O Uso da Voz e dos Dispositivos Móveis em Narrativas Oraís em Bibliotecas Escolares. *In*: BORTOLIN, S.; SANTOS NETO, J. A. dos; SILVA, R. J. da (org.). **Mediação Oral da Informação e da Leitura**. Londrina: Abecin, 2015. p. 127-151.

FERREIRA, L. B.; ROCKEMBACH, M. Abordagens contemporâneas sobre avaliação em Arquivologia e Ciência da Informação: macroavaliação, avaliação do fluxo informacional e modelo indício-evidência-prova. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 22, n. 50, p. 31-43, set./dez., 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/169453/001048526.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 12 maio 2022.

FINNEGAN, R. Performance, poesia, música: o que vem primeiro. *In*: MATOS, C. N. *et al.* (org.). **Palavra cantada**: ensaios sobre poesia, música e voz. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

FREIRE, E. P. A. Podcast: breve história de uma nova tecnologia educacional. **Educação em revista**, v.18, n.2, p. 55-70, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/educacaoemrevista/article/view/7414>. Acesso em: 22 maio 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. 120 p. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/52806>. Acesso em: 20 out. 2021.

GIBSON, W. **Neuromancer**. New York: Berkley Publishing Group, 1989.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, H. F. A dimensão dialógica, estética, formativa e ética da mediação da informação. **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 46-59, out. 2014.

GOMES, H. F. Protagonismo social e mediação da informação. **LOGEION**, Rio de Janeiro, v.5, n.2, p.10-21, mar./ago. 2019. Disponível em: <https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4644/4046>. Acesso em: 21 jan. 2023.

GOMES, H. F. Mediação da informação e suas dimensões dialógica, estética, formativa, ética e política: um fundamento da Ciência da Informação em favor do protagonismo social. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v.30, n.4, p.1–23, 2020. <https://doi.org/10.22478/ufpb.1809-4783.2020v30n4.57047>. Acesso em: 01 ago. 2022.

GONZÁLEZ, F. E. Reflexões sobre alguns conceitos da pesquisa qualitativa. **Revista Pesquisa Qualitativa**. São Paulo, v.8, n.17, p.155-183, ago. 2020. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/322/200>. Acesso em 28 jun. 2022.

GUARALDO, T. S. B. **Práticas de informação e leitura**: mediação e apropriação da informação nas cartas de leitores de um jornal popular do interior de São Paulo. Orientador: Oswaldo Francisco de Almeida Junior. 2013. 239 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/103356>. Acesso em: 25 jun. 2022.

GUATTARI, F. **Revolução molecular**: pulsações políticas do desejo. São Paulo: Brasiliense, 1981.

GUMBRECHT, H. U. A presença realizada na linguagem: com atenção especial para a presença do passado. **História da historiografia**. Ouro Preto, número 03. Setembro de 2009, p. 10-22. Disponível em: <http://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/68>. Acesso em: 20 nov. 2022.

GUMBRECHT, H. U. **Produção de presença**: o que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-RIO, 2010.

HAMMERSLEY, B. Audible revolution. **The Guardian** [online], Londres, 12 fev. 2004. Media. Disponível em: <https://www.theguardian.com/media/2004/feb/12/broadcasting.digitalmedia>. Acesso em: 16 mar. 2022.

HAVELOCK, E. A Equação oralidade-cultura escrita: uma formulação para a mente moderna. In: OLSON, D. R.; TORRANCE, N. **Cultura escrita e oralidade**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1997.

HENNIG, N. Podcast Literacy. **American Library Association Journals**, Chicago, v. 53, n.2, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.5860/ltr.53n2>. Acesso em: 21 mar. 2022.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

JENKINS, H.; FORD, S.; GREEN, J. **Cultura da Conexão**: criando valor e significado por meio da mídia propagável. São Paulo: Aleph, 2015.

JESUS, D. L.; CUNHA, M. B. Produtos e serviços da web 2.0 no setor de referência das bibliotecas. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 17, n. 1, p. 110-133, jan./mar. 2012. Disponível em:

<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/885>. Acesso em: 20 set. 2022.

JESUS, I. P.; GOMES, H. F. Dimensões da mediação da informação e suas contribuições para a formação do mediador da leitura: aproximações teóricas e empíricas. **Encontros Bibli**, v. 26, p. 1-24, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/165937>. Acesso em: 21 nov. 2022.

KAMERS, N. J. **O YouTube como ferramenta pedagógica no ensino de física**. Orientadora: Ademilde Silveira Sartori. 2013. 177 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, Florianópolis, 2013.

LAWLER, E. J.; THYE, S. R. Bringing emotions into social exchange theory. **Annual Review of Sociology**, [S.l.], v. 25, p. 217-244, ago. 1999.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MACHADO, F. A era do podcast. **Isto é**. 07 ago. 2020. Disponível em: <https://istoe.com.br/a-era-do-podcast>. Acesso em: 07 maio 2021.

MAIA, F. C. A.; FARIAS, M. G. G. Contribuição das dimensões dialógica e ética da mediação da informação para a revisão por pares aberta. **Em Questão**, n. *online*, 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/203899>. Acesso em: 26 mar. 2023.

MANESS, J. M. Library 2.0 Theory: Web 2.0 and Its Implications for Libraries. **Webology**, Boulder, v.3, n. 2, jun. 2006. Disponível em: <http://www.webology.org/2006/v3n2/a25.html>. Acesso em: 11 ago. 2022.

MARTINS, R. L.; VIEIRA, J. Podcasts no jornalismo português – o caso P24. **Media & Jornalismo**, Lisboa, v. 21, n.38, p. 99-122, 2021. Disponível em: [https://doi.org/10.14195/2183-5462\\_38\\_5](https://doi.org/10.14195/2183-5462_38_5). Acesso em: 10 mar. 2022.

MEDIAÇÃO. In: DELPo, **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. São Paulo: USP, 2022b. Disponível em: <https://delpo.prp.usp.br/>. Acesso em: 01 ago. 2022.

MEDIAÇÃO. In: Michaelis on-line. São Paulo: 2022a. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 01 ago. 2022.

MIRANDA, M. K. F. O. **O Acesso à informação no paradigma pós-custodial: da aplicação da intencionalidade para a findability**. Orientadora: Fernanda Ribeiro. 2010. 353f. Tese (Doutorado em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais) – Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010. Disponível em: <https://repositoriabierto.up.pt/handle/10216/50422>. Acesso em: 11 ago. 2022.

MONTEIRO, S. D. O Ciberespaço: o termo, a definição e o conceito. **Datagramazero**, Rio de Janeiro, v.8, p.1-18, 2007. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/6089>. Acesso em: 22 fev. 2023.

MOTA, J. C. **Da web 2.0 ao e-Learning 2.0: aprender na rede**. Orientadora: Alda Maria Pereira. 2009. 198f. Dissertação (Ciências da Educação) - Universidade aberta, Lisboa. 2009. Disponível em: [https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/1381/1/web20\\_e-learning20\\_aprender\\_na\\_rede.pdf](https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/1381/1/web20_e-learning20_aprender_na_rede.pdf). Acesso em: 31 out. 2021.

NICKEL, B.; OLIVEIRA, F.M.; KALSING, J. Conversar para construir pontes: colaboração e mediação em podcasts jornalísticos brasileiros. *In*: BACCIN, A.; SILVEIRA, S.C.; BELOCHIO, V. (org.) **25 Anos de jornalismo digital no Brasil: a contribuição da pesquisadora Luciana Mielniczuk para os estudos no país**. Florianópolis: Editora Insular, 2021. p. 218-248.

NOGUEIRA, C. Cantigas ao desafio e estetização da fala: natureza, modalidades e funções. **Organon**, Porto Alegre, janeiro-junho, 2007 p. 33-56. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/36159>. Acesso em 10 ago. 2022.

NUNES, M. S. C. Mediação editorial e dimensão estética em revistas científicas da Ciência da Informação. *In*: Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação - ENANCIB, 20., 2019. **Anais [...]** Florianópolis: UFSC, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/123905>. Acesso em: 26 mar. 2023.

OLIVEIRA, R. R.; MACIEL, L. M. C. G. S.; BANDEIRA, M. B. R.; OLIVEIRA, R. S.; SANTOS, F. E. P. Descobrimos a biblioteca em *podcast*: produção e edição de episódios para o PodArtigos. *In*: ENCONTROS UNIVERSITÁRIOS DA UFC, Fortaleza, v.6, n.11, 2021. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/63192/1/2021\\_res\\_rroliveira\\_et\\_al.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/63192/1/2021_res_rroliveira_et_al.pdf). Acesso em: 25 abr. 2022.

ONG, W. **Oralidade e cultura escrita**. Campinas: Papius, 1998.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. Histórico da pandemia de COVID-19. Washington D.C.: OPAS; 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 21 out. 2021.

PALLOFF, R. M.; PRATT, K. **Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço: estratégias eficientes para salas de aula on-line**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PARK, J.; LEE, H.; LEE, J. J. Applying social exchange theory in IT service relationships: exploring roles of exchange characteristics in knowledge sharing. **Information Technology and Management**, [s.l.], v. 16, n. 3, p. 193-206, set. 2015.

RABAÇA, C.; BARBOSA, G. G. **Dicionário de comunicação**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

PALETTA, F. C.; MOREIRO-GONZÁLEZ, J. A. A informação e o entorno digital: competências e habilidades do profissional da informação. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, Brasília, v.13, n.1, p.327-338, 2020.

Disponível em: <https://doi.org/10.26512/rici.v13.n1.2020.29558>. Acesso em: 3 mar. 2023.

PORTELLI, A. O que faz a História Oral diferente. **Proj. História**, São Paulo, v.14, p. 25-39, fev. 1997.

RALPH, J.; OLSEN, S. *Podcasting as an educational building block in academic libraries*. **Australian Academic and Research Libraries**, Bundoora (Vic), v.38, n.4, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11937/4102>. Acesso em: 12 mar. 2022.

RIBEIRO, F. Da mediação passiva à mediação pós-custodial. **Inf. & Soc.: Est.**, João Pessoa, v.20, n.1, p. 63-70, jan./abr. 2010. Disponível em: [https://www.brapci.inf.br/repositorio/2010/07/pdf\\_46b6647aa7\\_0011415.pdf](https://www.brapci.inf.br/repositorio/2010/07/pdf_46b6647aa7_0011415.pdf). Acesso em: 22 ago. 2022.

SANTAELLA, L.; NOTH, W. **Comunicação e semiótica**. São Paulo: Hacker, 2004.

SANTOS, E. V. A Ciência da Informação no contexto do paradigma pós-custodial e da pós-modernidade. **Páginas a&b**, Porto, n.10, 2018. Disponível em: [109547 \(brapci.inf.br\)](https://www.brapci.inf.br/109547). Acesso em: 02 set. 2022.

SANTOS, F. E. P. Aspectos teóricos e pragmáticos do uso de podcasts: possibilidades de incorporação à prática bibliotecária. *In: Competência e Mediação da Informação: percepções dialógicas entre ambientes abertos e científicos*. São Paulo: Abecin, 2019. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/46854/1/2019\\_capliv\\_fepsantos.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/46854/1/2019_capliv_fepsantos.pdf). Acesso em: 19 abr. 2022.

SANTOS NETO, J. A. dos. **Mediação implícita da informação na perspectiva dos bibliotecários da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina (UEL)**. Orientador: Oswaldo Francisco de Almeida Júnior. 2014. 193 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília. Disponível em: [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/181525/santosneto\\_ja\\_dr\\_mar.pdf?sequence=3&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/181525/santosneto_ja_dr_mar.pdf?sequence=3&isAllowed=y). Acesso em: 10 jun. 2022.

SANTOS NETO, J. A. dos. **O estado da arte da mediação da informação: uma análise histórica da constituição e desenvolvimento dos conceitos**. Orientador: Oswaldo Francisco de Almeida Júnior. 2019. 460 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília. Disponível em: [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/181525/santosneto\\_ja\\_dr\\_mar.pdf?sequence=3&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/181525/santosneto_ja_dr_mar.pdf?sequence=3&isAllowed=y). Acesso em: 15 jun. 2022.

SANTOS NETO, J. A. dos; HEITZMANN, P. Z.; BORTOLIN, S. Mediação oral da informação em podcasts da Ciência da Informação e Biblioteconomia. *In: SANTOS NETO, J. A. dos; ALMEIDA JR., O. F.; BORTOLIN, S. (org.). Perspectivas em mediação no âmbito da Ciência da Informação*. Londrina: Abecin, 2020.

Disponível em: [portal.abecin.org.br/editora/article/view/226](http://portal.abecin.org.br/editora/article/view/226). Acesso em: mar. 2022.

SANTOS NETO, J. A.; ALMEIDA JUNIOR, O. F. O caráter implícito da mediação da informação. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 27, p. 253-263, 2017.

SCHUKRAFT, S. **Multi-sensory learning**: types of instruction and materials. *IMSE Journal* [online]. 20 ago. 2020. Disponível em: <https://journal.imse.com/multi-sensory-learning-types-of-instruction-and-materials/>. Acesso em: 10 nov. 2022.

SCHWEIBENZ, W. Museums and web 2.0: Some thoughts about authority, communication, participation and trust. **Handbook of Research on Technologies and Cultural Heritage: Applications and Environments**. p. 1-15, jan. 2010. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/289837250\\_Museums\\_and\\_web\\_20\\_Some\\_thoughts\\_about\\_authority\\_communication\\_participation\\_and\\_trust/link/59946878aca272ec9087f839/download](https://www.researchgate.net/publication/289837250_Museums_and_web_20_Some_thoughts_about_authority_communication_participation_and_trust/link/59946878aca272ec9087f839/download). Acesso em: 01 nov. 2021.

SIGNATES, L. Estudo sobre o conceito de mediação. **Novos Olhares: Revista de Estudos sobre Práticas de Recepção a Produtos Midiáticos – ECA/USP**, São Paulo, n. 2, jul./dez. 1998.

SILVA, A. M. Mediações e mediadores em Ciência da Informação. **Prisma.com**, Porto, n.9, 2010. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/26174/2/000106387.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2022

SILVA, F. S.; NUNES, J. V.; CAVALCANTE, L. E. O conceito de mediação na ciência da informação brasileira: uma análise a partir da brapci. **Brazilian Journal of Information Science**, Marília, v. 12, n. 2, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/14734>. Acesso em: 11 set. 2022.

TAPSCOTT, D; WILLIAMS, A. **Wikinomics**: como a colaboração em massa pode mudar o seu negócio. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2007.

TERCIOTTI, M. J. S. A; BORTOLIN, S. Fontes orais de informação como recurso de ensino e aprendizagem. **Informação@profissões**, Londrina, v.6, n.1, p.90-109, 2017. DOI: [10.5433/2317-4390.2017v6n1p90](https://doi.org/10.5433/2317-4390.2017v6n1p90). Acesso em: 20 maio 2022.

THEIMER, K.; PUGH, M. What is the meaning of Archives 2.0? **The American Archivist**, [S.l.] v. 74, n.1, p.58-68, 2011. Disponível em: <https://meridian.allenpress.com/american-archivist/article/74/1/58/24261/What-Is-the-Meaning-of-Archives-2-0> . Acesso em: 11 nov. 2021.

THOMAS, S. Library-Podcast Intersections. **Library Technology Reports**, v. 55, n. 5, 2019. Disponível em: <https://www.journals.ala.org/index.php/ltr/article/view/7066>. Acesso em: 05 out. 2022.

TRICHES, M.C.; BORTOLIN, S.; SANTOS NETO, J. A. dos. Mediação oral da informação e oralidade mediatizada em *podcasts*. In: Colóquio em Organização, Acesso e Apropriação da Informação e do Conhecimento (COAIC), 6., 2022. **Anais[...]** Londrina: UEL, 2022. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/cinf/index.php/coaic2022/coaic2022/paper/viewFile/788/640>. Acesso em: 01 set. 2022.

VIANA, C. E; MELO, L. F. Cultura digital e a Educomunicação como novo paradigma educacional. **Revista FGV Online**, São Paulo, v.3, n.2, 2013. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/revfgvonline/article/view/19281>. Acesso em: 01 nov. 2021.

WOLTON, D. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre, RS: Bookman, 2001

ZOLLER, Y. J.; SCHILCUTT, J. G.; MULDOON, J. Illuminating the principles of social exchange theory with Hawthorne studies. **Journal of Management History**, [S.l.], v. 25, n.1, 2019, p. 47-66. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/JMH-05-2018-0026/full/html>. Acesso em: 10 abr. 2022.

ZUMTHOR, P. **Escritura e nomadismo**. Cotia: Ateliê Editorial, 2005.

ZUMTHOR, P. **Introdução à poesia oral**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010

ZUMTHOR, P. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

## **Apêndice**

## APÊNDICE A – PODCASTS COMPILADOS EM ORDEM ALFABÉTICA

1573011		
	<b>PRIMEIRO EPISÓDIO</b>	Jun./20
	<b>ÚLTIMO EPISÓDIO</b>	Jun./20
	<b>QUANTIDADE DE EPISÓDIOS</b>	3
	<b>UNIVERSIDADE E REGIÃO</b>	SENAC (Bahia) – Nordeste
	<b>INICIATIVA</b>	Estudante
<a href="https://open.Spotify.com/show/3DIZ4WuHf0lMfa4BkkZOlc">https://open.Spotify.com/show/3DIZ4WuHf0lMfa4BkkZOlc</a>		

### Atividade de avaliação final do 2º bimestre da disciplina de informação, comunicação e documento

	<b>PRIMEIRO EPISÓDIO</b>	Set./21
	<b>ÚLTIMO EPISÓDIO</b>	Set./21
	<b>QUANTIDADE DE EPISÓDIOS</b>	2
	<b>UNIVERSIDADE E REGIÃO</b>	FURG – SUL
	<b>INICIATIVA</b>	Estudante
<a href="https://open.Spotify.com/show/1YN7vKWPQ94TL4sU55x7AW">https://open.Spotify.com/show/1YN7vKWPQ94TL4sU55x7AW</a>		

### Bianca Biblue

	<b>PRIMEIRO EPISÓDIO</b>	Mar./21
	<b>ÚLTIMO EPISÓDIO</b>	Jun./21
	<b>QUANTIDADE DE EPISÓDIOS</b>	3
	<b>UNIVERSIDADE E REGIÃO</b>	UNIFAI – Sudeste
	<b>INICIATIVA</b>	Estudante
<a href="https://open.Spotify.com/show/2HZtbWhEUs9yT6aHSTegoQ">https://open.Spotify.com/show/2HZtbWhEUs9yT6aHSTegoQ</a>		

Biblionautas		
	<b>PRIMEIRO EPISÓDIO</b>	Set./20
	<b>ÚLTIMO EPISÓDIO</b>	Dez./20
	<b>QUANTIDADE DE EPISÓDIOS</b>	3
	<b>UNIVERSIDADE E REGIÃO</b>	UDESC – Sul
	<b>INICIATIVA</b>	Estudante
	<a href="https://open.Spotify.com/show/4pVlrnwOAP1ffW2B2XkBNW">https://open.Spotify.com/show/4pVlrnwOAP1ffW2B2XkBNW</a>	

Biblioquê?		
	<b>PRIMEIRO EPISÓDIO</b>	Jan./20
	<b>ÚLTIMO EPISÓDIO</b>	Jun./22
	<b>QUANTIDADE DE EPISÓDIOS</b>	32
	<b>UNIVERSIDADE E REGIÃO</b>	UFAM - Norte
	<b>INICIATIVA</b>	Estudante
	<a href="https://open.Spotify.com/show/7st7lkuUTqy6xp8EyzmkJw">https://open.Spotify.com/show/7st7lkuUTqy6xp8EyzmkJw</a>	

Buenas e me espalho		
	<b>PRIMEIRO EPISÓDIO</b>	Jun./22
	<b>ÚLTIMO EPISÓDIO</b>	Jun./22
	<b>QUANTIDADE DE EPISÓDIOS</b>	1
	<b>UNIVERSIDADE E REGIÃO</b>	Universidade de Caxias do sul – Sul
	<b>INICIATIVA</b>	Estudante
	<a href="https://open.Spotify.com/show/2xF0OUrw7LAgmPnlun5URy">https://open.Spotify.com/show/2xF0OUrw7LAgmPnlun5URy</a>	

### Cadernos 2 podcast



<b>PRIMEIRO EPISÓDIO</b>	Set./20
<b>ÚLTIMO EPISÓDIO</b>	Jun./22
<b>QUANTIDADE DE EPISÓDIOS</b>	75
<b>UNIVERSIDADE E REGIÃO</b>	UFRGS - Sul
<b>INICIATIVA</b>	Estudante
<a href="https://open.Spotify.com/show/7npTFWUCEx6ubqTbFuHQ7">https://open.Spotify.com/show/7npTFWUCEx6ubqTbFuHQ7</a>	

### Caminhos de Jampa



<b>PRIMEIRO EPISÓDIO</b>	Maio/22
<b>ÚLTIMO EPISÓDIO</b>	Maio/22
<b>QUANTIDADE DE EPISÓDIOS</b>	2
<b>UNIVERSIDADE E REGIÃO</b>	UFPB - Nordeste
<b>INICIATIVA</b>	Universidade
<a href="https://open.Spotify.com/show/6QkSOo3hsT2yXCcVh0lvGD">https://open.Spotify.com/show/6QkSOo3hsT2yXCcVh0lvGD</a>	

### Cmplifica



<b>PRIMEIRO EPISÓDIO</b>	Mar./19
<b>ÚLTIMO EPISÓDIO</b>	Maio/22
<b>QUANTIDADE DE EPISÓDIOS</b>	28
<b>UNIVERSIDADE E REGIÃO</b>	UFPE - Nordeste
<b>INICIATIVA</b>	Estudante
<a href="https://open.Spotify.com/show/1wsExvsO3gXmGwY8BHzozp">https://open.Spotify.com/show/1wsExvsO3gXmGwY8BHzozp</a>	

### Competência em Informação Instrumental



<b>PRIMEIRO EPISÓDIO</b>	Set./20
<b>ÚLTIMO EPISÓDIO</b>	Mai./21
<b>QUANTIDADE DE EPISÓDIOS</b>	10
<b>UNIVERSIDADE E REGIÃO</b>	UFAM - Norte
<b>INICIATIVA</b>	Universidade
<a href="https://open.Spotify.com/show/0mdg7ym11rM9UXPRANiaA2">https://open.Spotify.com/show/0mdg7ym11rM9UXPRANiaA2</a>	

### Consciência e informação



<b>PRIMEIRO EPISÓDIO</b>	Set./21
<b>ÚLTIMO EPISÓDIO</b>	Dez./21
<b>QUANTIDADE DE EPISÓDIOS</b>	6
<b>UNIVERSIDADE E REGIÃO</b>	UFPB – Nordeste
<b>INICIATIVA</b>	Estudante
<a href="https://open.Spotify.com/show/1iH61V6NtWFHAEi4DNQE1W">https://open.Spotify.com/show/1iH61V6NtWFHAEi4DNQE1W</a>	


### Cultura, Informação e Biblioteconomia



<b>PRIMEIRO EPISÓDIO</b>	Dez./20
<b>ÚLTIMO EPISÓDIO</b>	Dez./20
<b>QUANTIDADE DE EPISÓDIOS</b>	1
<b>UNIVERSIDADE E REGIÃO</b>	FURG – Sul
<b>INICIATIVA</b>	Estudante
<a href="https://open.Spotify.com/show/4O5zJD2aBgJgQhele4V8">https://open.Spotify.com/show/4O5zJD2aBgJgQhele4V8</a>	

Descomplicast		
	<b>PRIMEIRO EPISÓDIO</b>	Nov./20
	<b>ÚLTIMO EPISÓDIO</b>	Abr./22
	<b>QUANTIDADE DE EPISÓDIOS</b>	14
	<b>UNIVERSIDADE E REGIÃO</b>	UFPB – Nordeste
	<b>INICIATIVA</b>	Universidade
		<a href="https://open.Spotify.com/show/1RkX0adIFUYzU3fkLQrumZ">https://open.Spotify.com/show/1RkX0adIFUYzU3fkLQrumZ</a>

Difundindo Arquivos		
	<b>PRIMEIRO EPISÓDIO</b>	Jul./21
	<b>ÚLTIMO EPISÓDIO</b>	Dez./21
	<b>QUANTIDADE DE EPISÓDIOS</b>	2
	<b>UNIVERSIDADE E REGIÃO</b>	UFPB – Nordeste
	<b>INICIATIVA</b>	Universidade
		<a href="https://open.Spotify.com/show/7A6S2Ucsp2eRUxmwBk9ce">https://open.Spotify.com/show/7A6S2Ucsp2eRUxmwBk9ce</a>

ECCOA – Arquivologia fora da Caixa		
	<b>PRIMEIRO EPISÓDIO</b>	Out./20
	<b>ÚLTIMO EPISÓDIO</b>	Jul./22
	<b>QUANTIDADE DE EPISÓDIOS</b>	63
	<b>UNIVERSIDADE E REGIÃO</b>	UFRGS – Sul
	<b>INICIATIVA</b>	Universidade
		<a href="https://open.Spotify.com/show/4h7Q9BgYSd8rUHIUeXweBH">https://open.Spotify.com/show/4h7Q9BgYSd8rUHIUeXweBH</a>

### Entrevista com Bibliotecário



<b>PRIMEIRO EPISÓDIO</b>	Ago./21
<b>ÚLTIMO EPISÓDIO</b>	Ago./21
<b>QUANTIDADE DE EPISÓDIOS</b>	1
<b>UNIVERSIDADE E REGIÃO</b>	UFMA - Nordeste
<b>INICIATIVA</b>	Estudante
<a href="https://open.Spotify.com/show/4Vaxv5ZNoMOLnH4ZbgycVH">https://open.Spotify.com/show/4Vaxv5ZNoMOLnH4ZbgycVH</a>	

### Farol – Conexões da informação



<b>PRIMEIRO EPISÓDIO</b>	Maio/20
<b>ÚLTIMO EPISÓDIO</b>	Jul./22
<b>QUANTIDADE DE EPISÓDIOS</b>	63
<b>UNIVERSIDADE E REGIÃO</b>	UFRGS – Sul
<b>INICIATIVA</b>	Universidade
<a href="https://open.Spotify.com/show/3ZMv2Ez5f7hOHJuHliDNiM">https://open.Spotify.com/show/3ZMv2Ez5f7hOHJuHliDNiM</a>	

### Fontes de informação





<b>PRIMEIRO EPISÓDIO</b>	Jan./21
<b>ÚLTIMO EPISÓDIO</b>	Jan./21
<b>QUANTIDADE DE EPISÓDIOS</b>	2
<b>UNIVERSIDADE E REGIÃO</b>	UFBA – Nordeste
<b>INICIATIVA</b>	Universidade
<a href="https://open.Spotify.com/show/18FdKPn02kGuo9YdApbG9s">https://open.Spotify.com/show/18FdKPn02kGuo9YdApbG9s</a>	

Fragmentos relacionados		
 <p><b>Fragmentos Relatados</b></p>	<b>PRIMEIRO EPISÓDIO</b>	Dez./20
	<b>ÚLTIMO EPISÓDIO</b>	Mar./21
	<b>QUANTIDADE DE EPISÓDIOS</b>	9
	<b>UNIVERSIDADE E REGIÃO</b>	UFMG – Sudeste
	<b>INICIATIVA</b>	Universidade
	<a href="https://open.Spotify.com/show/07HTgM6gFyuBz9lu3sovaC">https://open.Spotify.com/show/07HTgM6gFyuBz9lu3sovaC</a>	

Hayaoteca		
	<b>PRIMEIRO EPISÓDIO</b>	Jun./22
	<b>ÚLTIMO EPISÓDIO</b>	Jul./22
	<b>QUANTIDADE DE EPISÓDIOS</b>	6
	<b>UNIVERSIDADE E REGIÃO</b>	USP – Sudeste
	<b>INICIATIVA</b>	Estudante
	<a href="https://open.Spotify.com/show/0yO1qZthr02Y9zQ1mjZ3DV">https://open.Spotify.com/show/0yO1qZthr02Y9zQ1mjZ3DV</a>	


Informação, Comunicação e documento		
	<b>PRIMEIRO EPISÓDIO</b>	Set./21
	<b>ÚLTIMO EPISÓDIO</b>	Abr./22
	<b>QUANTIDADE DE EPISÓDIOS</b>	2
	<b>UNIVERSIDADE E REGIÃO</b>	FURG – Sul
	<b>INICIATIVA</b>	Estudante
	<a href="https://open.Spotify.com/show/3MppVtVDdflnDDI9DgyBM1">https://open.Spotify.com/show/3MppVtVDdflnDDI9DgyBM1</a>	

Luciano Vasconcelos		
	<b>PRIMEIRO EPISÓDIO</b>	Maio/21
	<b>ÚLTIMO EPISÓDIO</b>	Set./21
	<b>QUANTIDADE DE EPISÓDIOS</b>	2
	<b>UNIVERSIDADE E REGIÃO</b>	FURG – Sul
	<b>INICIATIVA</b>	Estudante
	<a href="https://open.Spotify.com/show/1Ywzj0ePE14b6HLhCiyHBT">https://open.Spotify.com/show/1Ywzj0ePE14b6HLhCiyHBT</a>	


Mediação da informação, características e dimensões		
	<b>PRIMEIRO EPISÓDIO</b>	Jun./21
	<b>ÚLTIMO EPISÓDIO</b>	Jun./21
	<b>QUANTIDADE DE EPISÓDIOS</b>	1
	<b>UNIVERSIDADE E REGIÃO</b>	UFBA – Nordeste
	<b>INICIATIVA</b>	Universidade
	<a href="https://open.Spotify.com/episode/70RMz82qrQ0Hzc6HGFrsA8">https://open.Spotify.com/episode/70RMz82qrQ0Hzc6HGFrsA8</a>	

Musealiza BH		
	<b>PRIMEIRO EPISÓDIO</b>	Fev./22
	<b>ÚLTIMO EPISÓDIO</b>	Fev./22
	<b>QUANTIDADE DE EPISÓDIOS</b>	1
	<b>UNIVERSIDADE E REGIÃO</b>	UFMG – Sudeste
	<b>INICIATIVA</b>	Estudante
	<a href="https://open.Spotify.com/show/46ZZTRDqKxYyMbCAfJpHCG">https://open.Spotify.com/show/46ZZTRDqKxYyMbCAfJpHCG</a>	

Museológicas <i>podcast</i>		
	<b>PRIMEIRO EPISÓDIO</b>	Jun./20
	<b>ÚLTIMO EPISÓDIO</b>	Jul./22
	<b>QUANTIDADE DE EPISÓDIOS</b>	140
	<b>UNIVERSIDADE E REGIÃO</b>	UFPE – Nordeste
	<b>INICIATIVA</b>	Universidade
	<a href="https://open.Spotify.com/show/0ufROTuLYEA5Qmd5hMJfZy">https://open.Spotify.com/show/0ufROTuLYEA5Qmd5hMJfZy</a>	

Panema Cultural		
	<b>PRIMEIRO EPISÓDIO</b>	Dez./21
	<b>ÚLTIMO EPISÓDIO</b>	Jul./22
	<b>QUANTIDADE DE EPISÓDIOS</b>	11
	<b>UNIVERSIDADE E REGIÃO</b>	UFF – Sudeste
	<b>INICIATIVA</b>	Universidade
	<a href="https://open.Spotify.com/show/4aHwPDHyBnBCLcfKyjh8UB">https://open.Spotify.com/show/4aHwPDHyBnBCLcfKyjh8UB</a>	

Pet Biblioteconomia UFMA		
	<b>PRIMEIRO EPISÓDIO</b>	Jul./22
	<b>ÚLTIMO EPISÓDIO</b>	Jul./22
	<b>QUANTIDADE DE EPISÓDIOS</b>	1
	<b>UNIVERSIDADE E REGIÃO</b>	UFMA – Nordeste
	<b>INICIATIVA</b>	Universidade
	<a href="https://open.Spotify.com/show/5V5vaqSq4iFmk9Rss3ic7i">https://open.Spotify.com/show/5V5vaqSq4iFmk9Rss3ic7i</a>	

Planejamento em unidades de informação		
	<b>PRIMEIRO EPISÓDIO</b>	Jan./22
	<b>ÚLTIMO EPISÓDIO</b>	Jan./22
	<b>QUANTIDADE DE EPISÓDIOS</b>	1
	<b>UNIVERSIDADE E REGIÃO</b>	UFPA – Norte
	<b>INICIATIVA</b>	Universidade
		<a href="https://open.Spotify.com/show/2T6wHzDwJzQiNvcyPCRueY">https://open.Spotify.com/show/2T6wHzDwJzQiNvcyPCRueY</a>

Plurissaberes		
	<b>PRIMEIRO EPISÓDIO</b>	Ago./19
	<b>ÚLTIMO EPISÓDIO</b>	Jun./22
	<b>QUANTIDADE DE EPISÓDIOS</b>	86
	<b>UNIVERSIDADE E REGIÃO</b>	UFC – Nordeste
	<b>INICIATIVA</b>	Universidade
		<a href="https://open.Spotify.com/show/2dCGJn5TBjuzZx3eHTGvMu">https://open.Spotify.com/show/2dCGJn5TBjuzZx3eHTGvMu</a>

Podcast de Biblioteconomia		
	<b>PRIMEIRO EPISÓDIO</b>	Set./21
	<b>ÚLTIMO EPISÓDIO</b>	Set./21
	<b>QUANTIDADE DE EPISÓDIOS</b>	1
	<b>UNIVERSIDADE E REGIÃO</b>	UFRN – Nordeste
	<b>INICIATIVA</b>	Estudante
		<a href="https://open.Spotify.com/show/1s8zyba3pu6j1mDxJOuuFQ">https://open.Spotify.com/show/1s8zyba3pu6j1mDxJOuuFQ</a>

### Podcast LTI Digital



<b>PRIMEIRO EPISÓDIO</b>	Dez./20
<b>ÚLTIMO EPISÓDIO</b>	Mar./21
<b>QUANTIDADE DE EPISÓDIOS</b>	6
<b>UNIVERSIDADE E REGIÃO</b>	UFBA – Nordeste
<b>INICIATIVA</b>	Universidade
<a href="https://open.Spotify.com/show/57qOeCn6CPSmT3FqxWUKt">https://open.Spotify.com/show/57qOeCn6CPSmT3FqxWUKt</a>	

### Podcast Música de Cinema




<b>PRIMEIRO EPISÓDIO</b>	Jul./21
<b>ÚLTIMO EPISÓDIO</b>	Jul./21
<b>QUANTIDADE DE EPISÓDIOS</b>	6
<b>UNIVERSIDADE E REGIÃO</b>	USP - Sudeste
<b>INICIATIVA</b>	Estudantes
<a href="https://open.Spotify.com/show/2BI26DW0ysB68AXwy1J4tR">https://open.Spotify.com/show/2BI26DW0ysB68AXwy1J4tR</a>	

### Podcast sobre o Livro O Pequeno Príncipe



<b>PRIMEIRO EPISÓDIO</b>	Mai/22
<b>ÚLTIMO EPISÓDIO</b>	Mai/22
<b>QUANTIDADE DE EPISÓDIOS</b>	2
<b>UNIVERSIDADE E REGIÃO</b>	Universidade de Caxias do Sul – Sul
<b>INICIATIVA</b>	Estudante
<a href="https://open.Spotify.com/show/5RkwbOW3hHcAH9pUC3HhqB">https://open.Spotify.com/show/5RkwbOW3hHcAH9pUC3HhqB</a>	

PODCI		
	PRIMEIRO EPISÓDIO	Jun./22
	ÚLTIMO EPISÓDIO	Jul./22
	QUANTIDADE DE EPISÓDIOS	2
	UNIVERSIDADE E REGIÃO	UFC - Nordeste
	INICIATIVA	Universidade
	<a href="https://open.Spotify.com/show/50i1tif2EYL19cq50wv8i">https://open.Spotify.com/show/50i1tif2EYL19cq50wv8i</a>	

Prancheta Fabicana		
	PRIMEIRO EPISÓDIO	Mar./19
	ÚLTIMO EPISÓDIO	Mai/22
	QUANTIDADE DE EPISÓDIOS	83
	UNIVERSIDADE E REGIÃO	UFRGS – Sul
	INICIATIVA	Estudante
	<a href="https://open.Spotify.com/show/3cp64vBnkOd9WuQnhg0dMR">https://open.Spotify.com/show/3cp64vBnkOd9WuQnhg0dMR</a>	

Projeto Rede Mediar		
	PRIMEIRO EPISÓDIO	Abr./21
	ÚLTIMO EPISÓDIO	Ago./21
	QUANTIDADE DE EPISÓDIOS	2
	UNIVERSIDADE E REGIÃO	UFBA - Nordeste
	INICIATIVA	Universidade
	<a href="https://open.Spotify.com/show/6hhKeycYCe3k7LbfjsTSLd">https://open.Spotify.com/show/6hhKeycYCe3k7LbfjsTSLd</a>	

Radio Fabico		
	<b>PRIMEIRO EPISÓDIO</b>	Jan./22
	<b>ÚLTIMO EPISÓDIO</b>	Maio/22
	<b>QUANTIDADE DE EPISÓDIOS</b>	15
	<b>UNIVERSIDADE E REGIÃO</b>	UFRGS – Sul
	<b>INICIATIVA</b>	Universidade
	<a href="https://open.Spotify.com/show/0IRCUEYXAqjXyT9003jq2">https://open.Spotify.com/show/0IRCUEYXAqjXyT9003jq2</a>	

Radio Janela		
	<b>PRIMEIRO EPISÓDIO</b>	Maio/20
	<b>ÚLTIMO EPISÓDIO</b>	Abr./22
	<b>QUANTIDADE DE EPISÓDIOS</b>	57
	<b>UNIVERSIDADE E REGIÃO</b>	UFMG - Sudeste
	<b>INICIATIVA</b>	Universidade
	<a href="https://open.Spotify.com/show/4UvVsp5JfjsVZAKvja0OHD">https://open.Spotify.com/show/4UvVsp5JfjsVZAKvja0OHD</a>	

Revista AtoZ		
	<b>PRIMEIRO EPISÓDIO</b>	Jul./21
	<b>ÚLTIMO EPISÓDIO</b>	Jul./22
	<b>QUANTIDADE DE EPISÓDIOS</b>	31
	<b>UNIVERSIDADE E REGIÃO</b>	UFPR – Sul
	<b>INICIATIVA</b>	Universidade
	<a href="https://open.Spotify.com/show/0F38EJ8cMzXj9rgudC2ZgV">https://open.Spotify.com/show/0F38EJ8cMzXj9rgudC2ZgV</a>	

Sociologia: Émile Durkheim		
	<b>PRIMEIRO EPISÓDIO</b>	Jul./21
	<b>ÚLTIMO EPISÓDIO</b>	Jul./21
	<b>QUANTIDADE DE EPISÓDIOS</b>	2
	<b>UNIVERSIDADE E REGIÃO</b>	UFRGS – Sul
	<b>INICIATIVA</b>	Estudante
	<a href="https://open.Spotify.com/show/3Wx4M2fSB2ZwipQrxzAq2Y">https://open.Spotify.com/show/3Wx4M2fSB2ZwipQrxzAq2Y</a>	